

Cobertura 3

O Jubileu da Misericórdia
é uma verdadeira oportunidade
para entrar em profundidade no âmbito do mistério
da bondade e do amor de Deus.

Neste tempo de Quaresma, a Igreja convida-nos
a conhecer cada vez mais o Senhor Jesus,
e a viver a fé de modo coerente
com um estilo de vida que expresse
a misericórdia do Pai.

É um compromisso que estamos chamados
a assumir para oferecer a quantos encontramos
o sinal concreto da proximidade de Deus.

Minha vida, minhas atitudes,
minha maneira de andar, meus gestos,
podem ser sinais concretos
de que Deus está próximo de nós.
E assim se abre a porta da misericórdia.

Trecho da Audiência Jubilar de 20 de fevereiro de 2016



Ano Santo da Misericórdia

Sumário Janeiro-fevereiro de 2016

Vida espiritual

- 2 Carta de 1º de janeiro de 2016
Irmã Kathleen Appler, Superiora geral
- 6 Conferência de 1º de janeiro de 2016
Padre Gregory Gay, Superior geral
- 12 Carta de 2 de fevereiro de 2016
Irmã Kathleen Appler, Superiora geral
- 19 Quaresma 2016
Padre Gregory Gay, Superior geral
- 24 Que o Senhor e nosso Deus nos abençoe
Padre Bernard Schoepfer, Diretor geral

Sessão Internacional de Irmãs com mais de 40 anos de vocação

- 27 Caminhar com Deus
Padre Patrick Griffin, cm

Sessão Internacional de Irmãs entre 7 e 10 anos de vocação

- 39 Maria, Estrela da Nova Evangelização
Irmã Anne Prévost, Filha da Caridade

Atualidades da Companhia

- Solenidade de Santa Luísa de Marillac
- 49 Carta de 3 de fevereiro de 2016
Irmã Kathleen Appler, Superiora geral

A Carta Magna das Filhas da Caridade

- 52 Introdução da Rubrica “A Carta Magna”

- 54 Consagradas para estar “mais expostas”
Consagradas “para chegar a todos”
Padre Jérôme Delsinne, cm
- 60 Província de Fortaleza
Nordeste do Brasil
Uma Comunidade em movimento de 1968 até hoje
Irmã Ana Maria Reul, Filha da Caridade.

IRMÃ K. APPLER, SUPERIORA GERAL

Carta de 1º de janeiro de 2016

Queridas Irmãs,

Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós!

Neste início de ano, no qual celebramos a solenidade de Santa Maria, Mãe de Deus, estamos estreitamente unidas a ela. Reconhecemos que ela viveu sua vida em plenitude aceitando humilde e simplesmente tudo o que o Senhor lhe pedia.

Como Filhas da Caridade, Filhas da Igreja e membros da Família Vicentina vivendo plenamente da fé, acolhamos este novo ano da mesma maneira que Maria, dando graças pelo passado, olhando o presente com atenção e respondendo com entusiasmo ao que ainda está por vir, com uma alegre esperança.

Permitam-me começar agradecendo-lhes as cartas que me foram enviadas por ocasião destas festas. Fiquei profundamente comovida com os votos de Feliz Natal e a promessa de oração em minhas intenções e nas do Conselho geral. Gostei muito de ler as notícias de suas missões. Seus esforços para serem verdadeiras servas dos pobres são evidentes através do relato de suas respostas aos que vivem realmente nas periferias, àqueles que são atingidos tão dolorosamente pela guerra, intolerância, imigração forçada, exploração, fome, sofrimento e angústia causada pelo terrorismo, desemprego, isolamento, indiferença, pelas catástrofes naturais e extremas condições meteorológicas. Esta lista que lembra seus exemplos de tragédias e de sofrimentos engloba todos os continentes nos quais servimos.

A partir de suas comunicações, estou convencida de que nenhuma forma de miséria humana lhes é estranha. Vocês vão aonde existe a necessidade de sua presença e servem generosamente. Muito obrigada por sua generosidade e sua disponibilidade! Suas cartas refletem compaixão, misericórdia e alegria de servir. Seu amor é realmente sem medida! Do mesmo modo, o que os pobres lhes oferecem fica claro quando vocês expressam o quanto eles lhes ensinam e como eles as aproximam do Senhor e de sua Mãe. Que vocês possam continuar a receber as graças necessárias para viver fiel e concretamente nossas Constituições e nosso carisma a fim de responder aos desafios apresentados no Documento Interassembleias 2015-2021.

Tudo o que vocês compartilharam comigo leva-me a fazer memória com gratidão de nossas experiências enquanto Companhia internacional, durante o ano que terminou. Como todas sabem muito bem, tivemos a graça de viver muitos acontecimentos extraordinários em 2015. Permitam-me nomear alguns: a preparação e a experiência da Assembleia geral com suas eleições e o desafio de sermos “documentos vivos”, refletindo os valores expressados no Documento Interassembleias: *A audácia da Caridade para um novo elã missionário*, as Províncias recentemente criadas que responderam com

entusiasmo ao chamado dos pobres e de nossas Irmãs em Comunidade e, também, a abertura do Ano da Colaboração Vicentina. No contexto universal da Igreja, temos igualmente recebido repetidos convites do Papa Francisco para assumir nossa responsabilidade missionária no anúncio da Boa Nova, a publicação de sua Encíclica “Laudato Si”, o apelo para apoiar com a nossa oração o Sínodo sobre a Família e também para acolher e refletir a misericórdia de Deus.

Durante este ano que passou, o Senhor chamou para si muitos membros fiéis da nossa família. Continuemos a rezar por Mãe Anne Duzan e pelo Padre Richard McCullen, que se uniram a São Vicente, Santa Luísa e aos inúmeros Santos e Bem-aventurados da Família Vicentina, assim como às incontáveis Filhas da Caridade, membros da Congregação da Missão e outros membros da Família Vicentina que os precederam na morte e que, sem dúvida, esperavam com alegria sua chegada no céu. Contamos com a intercessão de ambos, no nosso esforço para responder diariamente às necessidades dos pobres!

No limiar deste novo ano, enquanto nós nos esforçamos para responder plenamente ao apelo do Papa Francisco para viver *o Ano da Misericórdia*, encorajo-as a continuarem tendo uma confiança infalível na presença de Deus entre nós. Dediquem tempo para estar com Ele na oração. Abram-se a sua misericórdia. Com coragem e sinceridade examinem o coração. Ele está temeroso ou receoso? Onde está o seu tesouro? Ele lhes permite que a Palavra de Deus as enraíze realmente em Deus? Ou se trata simplesmente de um texto nas páginas da Bíblia? Seus corações estão abertos às possibilidades que o ano de 2016 lhes reserva? O coração permitirá que você e sua Comunidade local reflitam e examinem detalhadamente os desafios expressos durante a nossa Assembleia 2015 e que nos são apresentados no Documento Interassembleias? Estão prontas com todo o seu ser, com todo o seu coração, com toda a sua mente, suas mãos e seus pés para responderem radicalmente ao que, enquanto Companhia, professamos que queremos ousar?

Mais uma vez, eu as encorajo humildemente: tende confiança em Deus! Acredito que Ele realmente está conosco. Estou convencida de que Deus vai nos revestir com as graças de que precisamos para sair das nossas zonas de conforto, se formos sinceras e audaciosas, doando-nos totalmente a Ele. Se este chamado a redinamizar nosso coração exige uma resposta pessoal, contudo, não responderemos sozinhas.

Temos a graça de pertencer à Companhia das Filhas da Caridade e é no contexto da pequena Companhia que somos convidadas a concretizar nossa resposta. Tentemos fazer do elã missionário uma realidade. Avancemos com coragem, humildade, simplicidade e confiança durante o ano de 2016. Juntas, estejamos atentas à voz do Senhor em todas as circunstâncias que nos rodeiam: não nos permitamos jamais ser indiferentes aos gritos daqueles que são pobres ou insensíveis aos sofrimentos dos que estão doentes, daqueles que passam necessidades; sejamos sempre sensíveis à solidão das pessoas idosas e à vulnerabilidade dos jovens e das crianças. Que possamos realmente valorizar a vida de cada ser humano!

Enquanto continuamos a celebrar o tempo do Natal e no limiar deste novo ano, possamos ter a certeza de que Deus quer estar bem presente em nosso mundo. Ele quer certamente ocupar um lugar especial em nossa vida.

O exemplo de Maria nos estimula. Admiramos sua capacidade de responder à graça de Deus e de maravilhar-se diante dela, conservando em seu coração todas as experiências da presença de Deus em sua própria vida. Sigamos o conselho de Santa Luísa que nos diz: *“Ao realizar nossas ações, olhemos a Santíssima Virgem e pensemos que a maior honra que lhe possamos tributar é a imitação de suas virtudes”* (Santa Luísa, E.68, pág. 899).

Sabemos que Maria quer simplesmente nos conduzir sempre para mais perto de seu Filho. Confiemos-lhe diariamente, nosso caminho de fé, os desejos do nosso coração, nossas necessidades e as das pessoas que servimos.

Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós!

Com afeição e minhas orações,

Irmã Kathleen APPLER
Filha da Caridade

PADRE G. GAY, SUPERIOR GERAL

Conferência às Filhas da Caridade
1º de janeiro de 2016

Permitam-me começar apresentando-lhes os meus mais sinceros votos para que o Senhor lhes conceda abundantes bênçãos durante este novo ano de 2016. Aproveito também para confirmar-lhes as minhas fiéis orações e o meu apoio fraterno a cada uma.

Durante o ano que passou, a cidade de Paris foi duas vezes violentamente atacada por terroristas e, muitas pessoas foram mortas ou ficaram feridas durante estes ataques. Tenho certeza de que todas sentiram de maneira diferente os efeitos desta violência. Talvez, hoje sintamos um certo medo em continuar nossas atividades quotidianas, talvez sintamos raiva porque nossa tranquilidade habitual foi perturbada e atualmente, enfrentamos novas restrições em nossa maneira de viver. A violência estava em contraste assustadora com as belas imagens que nos foram apresentadas durante o tempo do Advento e Natal: *“de suas espadas forjarão relhas de arados, e de suas lanças, foices. Uma nação não levantará a espada contra outra, e não se arrastarão mais para a guerra (Is 2, 4). “Então o lobo será hóspede do cordeiro, a pantera se deitará ao pé do cabrito, o touro e o leão comerão juntos, e um menino pequeno os conduzirá” (Is 11, 6). “Porque um menino nasceu, um filho nos foi dado... ele se chama: Conselheiro admirável, Deus forte, Pai eterno, Príncipe da Paz. Seu império será grande e a paz sem fim...” (Is 9, 5-6).*

Estas imagens do livro de Isaías representam nossa esperança para todos os povos e todas as nações; esperança de que as pessoas compreendam que somos todos irmãos e irmãs. Deixe-me ainda dizer-lhes que nós todos, com nossas diferentes crenças, culturas e línguas, somos todos irmãos e irmãs. Se um dia conseguíssemos compreender as implicações profundas destes termos, nosso mundo seria diferente. Como posso entrar em guerra contra um irmão ou uma irmã? Como posso infligir intencionalmente um sofrimento e fazer o mal aos meus irmãos e irmãs? Quando começarmos a viver realmente como irmãos e irmãs criaremos uma nova ordem mundial, mas isto necessita uma mudança do coração, uma mudança de atitude.

Mère Suzanne Guillemin compreendeu a necessidade da mudança e na sua carta circular datada de 1º de janeiro de 1967, ela escreveu: *“Estamos num momento crucial no qual tudo o que se vive na Igreja deve se renovar ou morrer”*. Portanto, somos convidados a *“emprender corajosamente a obra da renovação espiritual... A Igreja não precisa de Filhas da Caridade medíocres, a Igreja e o mundo precisam de santos”*.

Estas palavras fazem eco aos sentimentos de Luísa de Marillac quando escreveu às Irmãs que estavam trabalhando no Hospital geral de Nantes; ela lhes disse: *“rogo-vos renovar vossa coragem de servir a Deus e aos pobres com maior fervor, humildade e caridade, do que nunca”* (SL, C.638, pág. 678).

Mais recentemente, o Papa Francisco convidou *“todo cristão, em qualquer lugar e situação que se encontre, a renovar o seu encontro pessoal com Jesus Cristo ou, pelo menos, tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele”* (Evangelii Gaudium, n°3). Depois o Papa fez referência ao apelo de Paulo VI que especificou muito bem que a renovação não é unicamente um assunto individual, mas uma preocupação de toda a Igreja. O Papa Paulo VI afirmou: *“vivemos a hora em que a Igreja deve aprofundar a consciência de si mesma, meditar sobre o seu próprio mistério [...] Desta consciência esclarecida e operante deriva espontaneamente um desejo de comparar a imagem ideal da Igreja, tal como Cristo a viu, quis e amou, ou seja, como sua Esposa santa e imaculada (cf. Ef 5, 27), com o rosto real que a Igreja apresenta hoje. [...] Em consequência disso, surge uma necessidade generosa e quase impaciente de renovação, isto é, de correção dos defeitos, que aquela consciência denuncia e rejeita, como se fosse um exame interior ao espelho do modelo que Cristo nos deixou de si mesmo”* (Ecclesiam Suam, n° 9, 10, 11; Evangelii Gaudium, N° 26).

Nas suas Constituições está escrito: *“desejosas de conversão, diariamente, num momento previsto no Projeto Comunitário, examinam sua vida...”* (Estatuto n°4). Em outras palavras, na introdução do Documento Interassembleias 2015-2021, um desafio foi apresentado a todas as Irmãs para ser assumido tanto de forma individual como comunitariamente: *Ousemos renovar nossos corações, renovar nossas respostas, renovar com audácia nossa caridade para um novo elã missionário!* Todos estes termos nos lembram a exortação de Jesus: *“Se não vos transformardes e vos tornardes como criancinhas, não entrareis no Reino dos céus”* (Mt 18, 3).

O que é que existe por trás de todas estas exortações, destes convites, desafios e declarações referentes à renovação e à conversão? Primeiro, como seres humanos, parece que existe uma constante tentação de busca pela satisfação, de contentamento e de acomodação com a situação atual. Podemos ter o sentimento de que nossa vida pessoal e comunitária está de uma certa maneira “completa e acabada” e que não há necessidade de mudança. Uma tal atitude se revela muitas vezes nas conversas entre pessoas que são voltadas para os acontecimentos do passado. Tudo era bom no passado. Antigamente, as pessoas eram compreensivas e íntegras. Antigamente, antigamente... o problema na realidade é que o passado não existe mais... Acabou, terminou e nunca mais irá se repetir. Viver no passado, significa fechar-se às promessas, à novidade e às oportunidades atuais. A renovação e a conversão permitem concentrar-nos no “instante presente” e compreender que o momento mais importante é agora. Uma tal perspectiva oferece um novo quadro a todas as nossas atividades diárias e ao nosso serviço.

Em segundo lugar, tanto vocês como eu, somos chamados a proclamar a Boa Nova aos nossos Senhores e Mestres, a estes homens e mulheres que são pobres, abandonados e esquecidos. Este chamado significa que a novidade que anunciamos, hoje, não é uma “notícia antiga”, de ontem, mas uma boa notícia para hoje...e proclamando esta boa nova, devemos também compreender que, o que é boa notícia para os pobres é, com frequência, má notícia para os ricos e poderosos. Em outros termos, nossa proclamação da boa nova significará necessariamente que algumas pessoas se sentirão ofendidas com nossas palavras e nossas ações. Uma tal reação só pode ser suscitada por pessoas que estão plenamente mergulhadas na realidade atual, que são conscientes das necessidades urgentes dos pobres e estão prontos a servir com um novo zelo, com uma nova abordagem e disposição para estabelecer novas relações entre as pessoas e as instituições.

Acolher o chamado à renovação e à conversão significa afirmar nosso desejo de sermos diferentes hoje, de servirmos de uma maneira diferente hoje e, de afirmarmos sempre mais este mesmo desejo a cada dia de nossa vida.

Permitam-me partilhar aqui algumas breves reflexões sobre aspectos específicos da renovação, aspectos que estão destacados no Documento Interassembleias 2015-2021, a saber: [1] ser uma

Companhia “indo e vindo” às periferias, [2] intensificar o trabalho em rede em todos os níveis, [3] fortalecer o diálogo e a participação no processo de tomada de decisão [4] escutar o Senhor na oração.

1 - Ser uma Companhia “indo e vindo” às periferias

Num certo sentido, este conceito não é novo para a Companhia das Filhas da Caridade. Desde o início da Companhia, as Irmãs estiveram a serviço das pessoas marginalizadas e muitas vezes excluídas da sociedade; pessoas doentes, com deficiência mental, os prisioneiros, as vítimas das guerras. Conseqüentemente, quando o Papa Francisco convida as pessoas para sair, para ir às periferias, todas sabem muito bem sobre o que ele está falando e acolhem este chamado. Vocês dizem: *ousemos com convicção colocar em prática um processo de discernimento para uma revisão efetiva das obras que permitirá ir às periferias*; afirmam com mais exatidão: *ousar com coragem escolher, em cada Província, um compromisso concreto que contribua na luta contra as escravidões modernas*. Vocês estão de parabéns pelo audacioso compromisso assumido, um compromisso que vai abrir novas portas para inúmeros homens e mulheres que vivem na sombra da sociedade moderna. Esta abordagem no serviço levará a esperança às pessoas que atualmente são de fato aurora de um novo dia. Que todas possam perseverar na sua determinação a este respeito.

2 - Intensificar o trabalho em rede

O serviço nas periferias, no entanto, não é, e não pode ser considerado como um serviço exclusivo das Filhas da Caridade. De fato, se todos os cristãos são chamados a sair para ir às periferias, torna-se urgente para nós, entrar em relação com as pessoas que estão igualmente presentes nestas zonas periféricas. Ao mesmo tempo, podemos começar a ver a importância de reforçar nossa **colaboração** no serviço em âmbito provincial e com a Família Vicentina. O desafio neste sentido é colocar-se disponível para permitir que outros possam dirigir, permitir que outros estejam “no controle”. Isto exige uma nova atitude na qual não consideramos o serviço como sendo “meu”, mas como “nosso”. Gostaria também de acrescentar aqui que uma tal colaboração deverá se tornar a norma e não a exceção em nosso serviço.

3 - O diálogo e a participação comunitária no processo de tomada de decisão.

Se quisermos viver juntos e servir juntos, os detalhes referentes a maneira como isto deve ser realizado, deveria ser o resultado de um consenso obtido de todas as pessoas implicadas. Se se supõem que as pessoas vivem de acordo com algumas orientações, então, estas mesmas pessoas podem se expressar a respeito da elaboração destas orientações. Gostaria de acrescentar aqui que as pessoas que servimos podem se expressar sobre todas as questões que, de uma certa maneira, as afetam. Esta responsabilidade partilhada pela vida e missão é muito exigente. De fato, ao iniciarmos um diálogo, nos tornamos conscientes da necessidade de uma escuta mútua e atenta. Na cultura da ação, a escuta é considerada muitas vezes como passividade. Reconhecemos igualmente a possibilidade de estar tão preocupados em querer expressar nossa própria opinião que nos tornamos surdos à voz dos outros, surdos aos gritos dos nossos irmãos e irmãs. Uma escuta atenta exige humildade pois, implica que estejamos abertos às ideias, às opiniões e às observações dos outros. A humildade nos impede de pretender ter todas as respostas e a partir disto, não ter necessidade da colaboração ou conselho dos outros. Diz-se que quando escutamos com atenção os outros, nossos horizontes e nossa visão se ampliam e conseqüentemente, percebemos mais claramente a realidade. Para que nossas decisões sejam autênticas, devem nascer de um intercâmbio honesto e aberto aos outros.

4 - A escuta do Senhor na oração

Como lhes disse há pouco, para que nossas decisões sejam autênticas, elas devem resultar de um intercâmbio honesto e aberto com os outros. Permitam-me acrescentar que as decisões autênticas devem

também decorrer de um diálogo honesto e aberto com Deus, por exemplo: homens e mulheres através do mundo que estão envolvidos num programa em doze etapas de reabilitação de dependência de álcool, droga, jogo, sexo, alimentação, etc., se comprometem, de maneira consciente, a melhorar sua relação com Deus, apenas rezando para conhecer a vontade de Deus sobre si e a capacidade de realizá-la. Estes toxicômanos são testemunhas vivas da necessidade de conservar o silêncio, permanecer calmos e permitir que Deus lhes fale no silêncio. Vicente de Paulo e Luísa de Marillac foram duas pessoas bastante ativas que fundaram grandes obras durante a sua vida. Um dia, Vicente disse às Irmãs: *“há mais vantagem e felicidade em escutar Deus do que em Lhe falar”* (Conf. de 14 de junho de 1643, pág. 75). Podemos ser tentados a passar nosso tempo de oração a falar com Deus, dizendo-lhe tudo o que se passa, pedindo-lhe para interceder na vida de mil e uma maneira diferente. No entanto, *“a palavra nem chegou à minha língua, e já, Senhor, a conheceis inteiramente”* (Salmo 139, 4). Quando dedicamos tempo para escutar Deus, abrimo-nos ao Deus das surpresas e assim, tornamo-nos mais conscientes do fato de que os caminhos de Deus, muitas vezes, são bem diferentes dos nossos. Deixemos que Deus nos surpreenda!

Permitam-me concluir com outras palavras da carta circular de Mère Guillemin: *“A Companhia das Filhas da Caridade deve ser na Igreja uma sociedade de mulheres que rezam. Somente sob esta condição, ela conservará sua graça particular que é permanecer presente e ser compreendida no mundo dos Pobres”*. Mais uma vez, desejo a todas um santo e feliz ano novo.

Padre Gregory GAY, cm
Superior geral

IRMÃ KATHLEEN APPLER, SUPERIORA GERAL

Carta de 2 de fevereiro de 2016

Queridas Irmãs,

“Ele não quis... que, a exemplo de Simeão, vossos olhos tivessem visto o Salvador; mas Ele quer que ouçais a sua voz...” (São Vicente, Coste XIII, p. 809).

Na festa da Apresentação do Senhor, escrevo-lhes com gratidão e simplicidade a respeito deste momento de graça que Ele me permitiu viver neste dia. Apresentei humildemente, em nome de todas, nosso pedido de Renovação dos votos ao Padre Gregory Gay, nosso Superior Geral. Esta experiência *de escutar a voz do Senhor*, que é ao mesmo tempo um privilégio e uma responsabilidade, permitiu-me perpetuar uma prática ininterrupta desde a época de São Vicente e de Santa Luísa.

O encontro com o Padre Gregory foi intenso em emoções: a alegria de viver este ato formal, com tudo o que ele representa para o futuro, a confiança na presença do Senhor que nos sustenta, o desejo de fidelidade ao chamado recebido e uma profunda gratidão pelo amor incondicional de Deus.

Que honra poder inscrever-me nesta tradição da Companhia que, graças a nossa preparação e ao nosso engajamento a cada ano, oferece-nos a possibilidade de uma resposta mais profunda, doando-nos totalmente a Deus na Companhia das Filhas da Caridade! Cada uma de vocês esteve espiritualmente presente no momento do pedido ao Padre Gregory da autorização para renovar nossos votos na festa da Anunciação deste ano. Partilhei com ele alguns exemplos que as Visitadoras me comunicaram; do desejo profundo de viver na fidelidade ao batismo e ao convite de Deus para doar-se inteiramente e em comunidade a serviço dos pobres. Confiei igualmente ao Padre Gregory nossos limites, que podem induzir

ao pecado, e que às vezes nos impedem de responder plenamente ao nosso chamado. Assegurei-lhe o desejo de continuarmos abertas à graça de Deus para aprofundar nossa vocação.

Por sua vez, o Padre Gregory nos concedeu a graça de renovar nossos votos no dia 04 de abril de 2016, festa da Anunciação. Consciente de que é a última vez que ele nos concede a permissão, esta foi feita com uma grande humildade e uma grande alegria. Rendamos graças a Deus guardando a resolução de nos preparar para bem viver este momento sagrado.

Após ter rezado e refletido longamente, gostaria de propor-lhes algumas simples reflexões que nos permitirão, assim espero, preparar-nos ainda mais para a Renovação dos votos e nos ajudarão a integrar alguns dos grandes desafios que nos são apresentados no Documento Interassembleias: *A audácia da Caridade para um novo elã missionário*. Sob a conduta do Espírito Santo e, graça à sabedoria de nossos Fundadores, de nossos Superiores que nos precederam, assim como a de nossas Irmãs de hoje, quero propor-lhes através da minha reflexão, nesta e nas futuras cartas, ideias destinadas a reavivar e aumentar a chama da nossa vocação.

Meditando sobre os votos e sobre o Documento Interassembleias, reconheço que ambos comprometem minha responsabilidade de unir meu coração ao coração de Cristo. Ele é a regra das Filhas da Caridade (C 8): estamos centradas em Cristo. Consequentemente, nossos votos devem ser vividos em relação a Jesus. Guiadas pelo Espírito Santo, somos chamadas a entrar num mundo misterioso, mas pleno de graças, de amor e de obediência ao Pai. Os votos nos oferecem a ocasião única de harmonizar nossa vida com a Trindade, tendo Cristo na intimidade do nosso coração e partilhando-O com os pobres que temos o privilégio de servir.

Os valores e os desafios apresentados no Documento Interassembleias e na prática de nossos votos, longe de limitar, têm a capacidade de nos libertar. No entanto, o chamado para servir os pobres, para sermos castas, pobres, obedientes e responder radicalmente a tudo aquilo que nós queremos OUSAR, deve ser sentido em primeiro lugar como uma restrição, antes que ele possa se tornar libertação. Jesus nos diz que aquele que perde sua vida a ganha. *“Se o grão de trigo, caído na terra, não morrer, fica só...”* (Jo 12,24). Esta realidade é muito dolorosa em certos momentos, mas ao refletir, podemos ver que nossos votos nos impõem estas “mortes”, exatamente para que possamos experimentar as energias do amor que se encontram escondidas no mais profundo do nosso coração.

Sabemos por experiência que muitas vezes a sociedade não compreende estes conceitos, nem mesmo o significado fundamental da vida consagrada. Frequentemente, o mundo de hoje não valoriza o que é sagrado para nós, como Filhas da Caridade. No entanto, eu as encorajo a ir além da visão estreita da sociedade. Não deixemos o mundo nos impor seus critérios. Não permitamos que sua cegueira seletiva sobre o que está além da compreensão humana, nos faça perder de vista a presença de Deus no mundo. Nossa vida consagrada nos chama a ser diferentes. Estou convencida de que deve ser assim. Nós nos esforçamos em nos modelar à maneira de pensar e de viver do próprio Jesus Cristo. É Jesus e não a sociedade quem dá sentido à nossa vida consagrada. É Jesus que transformará e conduzirá nossas vidas para honrar a Deus, seu Pai. Ele quer trazer a salvação para o mundo inteiro através do nosso serviço aos pobres. Devemos permitir que Jesus escreva o cenário da nossa vida. Devemos nos lembrar que Ele disse: *“Eu sou o caminho”* (Jo 14, 6) e *“Dei-vos o exemplo...”* (Jo 13,15). Seguir o exemplo de Jesus leva-nos a escolhas difíceis quanto ao nosso estilo de vida, nossas relações, nosso serviço e nosso olhar sobre o mundo. É verdade que desde a época de Cristo, decidir percorrer o CAMINHO significa deixar nosso próprio caminho. Devemos estar prontas a fazer estas escolhas se quisermos aprofundar nossa resposta de Filhas da Caridade.

Estamos prontas a dar uma resposta radical e a fazer a experiência da vulnerabilidade? Dediquemos um tempo para refletir sobre isto pessoalmente.

- Será que eu me esforço para estar totalmente imersa no Cristo e habitada por sua presença, totalmente fascinada por sua bondade e seu amor, tornando-me indiferente ao que o mundo possa pensar ou dizer de mim?

- Será que vivo minha resposta sem me justificar?

- Será que tento viver plenamente o voto de castidade, fixar meus olhos e meu coração unicamente em Cristo e em mais ninguém?

- Será que vivo realmente este voto *“como uma resposta de amor a um apelo de amor”* (C. 29b)?

- Será que busco viver o meu voto de pobreza despojando-me dos bens materiais e espirituais a ponto de correr o risco de abandonar minhas seguranças e derrubar os meus muros de proteção para me apoiar plenamente na graça de Deus?

- Sou realmente feliz por não ter *“outro tesouro senão Ele”* (C. 30a)?

- Será que me esforço para depender dos outros e permanecer aberta à Vontade de Deus, tal como ela se manifesta a mim na oração, através da voz dos Superiores e através dos apelos dos pobres para viver o voto de obediência e aprofundar o meu *“SIM”*?

- Será que vivo isto concretamente *“num clima de confiança e de diálogo”* (C. 31b)?

- Será que através do meu voto de serviço dos pobres, eu me privo daquilo que traz conforto, comodidade, talvez até mesmo prestígio, mas que, na realidade pode distanciar-me dos pobres?

- Será que é o meu voto específico de serviço dos pobres que comanda realmente toda a minha vida (cf. C. 24a)?

Estas respostas radicais certamente terão um custo. No entanto, abundantes graças serão difundidas se nos doarmos sem reserva a Cristo. Era isto que Santa Luísa aspirava quando escrevia: *“Vivamos, pois, como mortas em Jesus Cristo e, portanto, nada de resistência a Jesus, nada de ações senão por Jesus, nem pensamentos senão em Jesus; numa palavra, não mais vida senão por Jesus e pelo próximo, para que, neste amor unitivo, ame eu tudo o que Jesus ama, para que este amor cujo centro é o amor eterno de Deus por suas criaturas, alcance de sua bondade as graças que sua misericórdia quer conceder-me...”* (SL - E.69, pág. 900).

O Documento Interassembleias convida claramente cada uma de nós a responder ao desejo manifestado por Santa Luísa. Esta fonte tem como objetivo nos conduzir, inspirar e nos enriquecer, ao mesmo tempo que nos convida, através de meios concretos, a OUSAR ir mais longe na nossa caminhada vocacional. Assumir seriamente os apelos à radicalidade da Assembleia de 2015 e permitir que eles atinjam todos os aspectos de nossa vida; certamente esta não é uma via para os fracos ou tímidos.

Este Documento nos pede para renovar constantemente nossos corações, nossas respostas e renovar com audácia nossa caridade para um novo elã missionário. Os verbos, advérbios e adjetivos que se encontram no texto do Documento nos estimulam a indagar e avaliar nossas respostas superficiais. Estamos prontas a fazer o necessário para nos tornarmos um autêntico documento vivo daquilo que foi afirmado pelos membros da Assembleia geral de 2015?

- Pessoalmente, como vou apropriar-me das principais convicções da Assembleia?

- Quais são as práticas concretas que me ajudarão a voltar incessantemente ao Evangelho e a fazer de suas máximas os critérios que regem minha vida?

- O que devo estar disposta a fazer para manter as decisões que nos permitirão como Companhia ir de todo coração e sem reservas às periferias, mesmo se isto signifique deixar serviços que estimamos?

- Como posso viver a proximidade com os excluídos e as vítimas de todas as formas de violência?

- Como meu estilo de vida pode dar testemunho de uma pobreza evangélica radical?

- Quais são os comportamentos que em comunidade manifestarão uma maneira de ser mais simples, alegre e interpelarão minhas Irmãs a fazer o mesmo? O que devo revitalizar em mim? O que devo mudar em mim?

Como todas sabem, estamos no *Ano Santo da Misericórdia e no Ano da Colaboração Vicentina*. Estes dois apelos nos convidam também a sair de nós mesmas, a deixar nosso conforto, a arriscar mudanças para o bem dos outros e a *“ir ao encontro de todas as pessoas levando-lhes a bondade e a ternura de Deus!”* (*Misericordiae Vultus*, 5). Reconhecendo Jesus Cristo como *“o rosto da Misericórdia do Pai”* (ibid., 1), somos encorajadas a *“viver da misericórdia porque, primeiro, foi usada misericórdia para conosco”* (ibid., 9). O Papa Francisco nos pede para responder abrindo especialmente *“o coração aos que vivem nas variadas periferias existenciais que muitas vezes o mundo contemporâneo cria de forma dramática”*. Ele nos coloca de sobreaviso para não *“cair na indiferença que humilha”* e nos aconselha a sermos vigilantes, defendendo-nos do *“cinismo que destrói”* (ibid., 15). Nosso Santo Padre declara com audácia *“este é o momento favorável para mudar de vida! Este é o tempo de se deixar tocar o coração”* (ibid., 19). Estou pronta para responder de todo o meu coração e com toda a minha alma? O Ano da Colaboração Vicentina destaca *“juntos em Cristo, nós vicentinos, fazemos a diferença”*. Nossa missão de garantir que Cristo permaneça no centro de nossos esforços para *“celebrar”, “estar em rede e aprender”* e *“servir”* como Família Vicentina unida, nos impele a agradecer pela nossa herança e unir nossos esforços no serviço dos pobres. Não nos contentemos em depender unicamente das respostas dos outros. Identifiquemos e vivamos os gestos concretos que testemunham nossa resposta pessoal a estes apelos de nossa Família Vicentina e da Igreja. Que possamos ter a graça necessária para fazer bom uso das intuições das quais nos beneficiamos na oração e através do diálogo com os outros.

Que Deus nos acompanhe de perto em nossa preparação mais intensa à Renovação de nossos votos neste ano. A experiência nos ensinou que o Senhor nunca se cansa de abrir com entusiasmo as portas de seu coração. Ele repete muitas vezes que nos ama e quer partilhar conosco seu amor. OUSEMOS buscar este amor. OUSEMOS correr o risco de realizar estas mudanças em nossa vida que nos permitirão renovar nossos votos com uma fidelidade e uma audácia sempre crescentes. Que a profundidade do nosso compromisso sustentado pelos votos nos impulsione a nos tornarmos autênticas servas dos pobres e documentos vivos dos ideais audaciosos desenvolvidos durante nossas Assembleias domésticas, provinciais e geral!

Coloquemos nossa preparação à Renovação sob a proteção de Maria nossa Mãe, cuja presença e intercessão são muito preciosas para nossa Companhia. Maria sabe muito bem nos animar e, ela atesta que não há limites para a Misericórdia de Deus. Que o exemplo de sua vida e seu acompanhamento materno nos conduzam à união com seu Filho Jesus!.

Gostaria de expressar minha gratidão pelas orações sempre fiéis e realmente intensas das nossas Irmãs idosas e doentes que participam plenamente da missão da Companhia. Sua sabedoria, a oferta de seus sofrimentos e sua constante oração são de fato dons inestimáveis para nós. Agradeço também a todas vocês, minhas Irmãs, que são fiéis ao seu compromisso vocacional e que asseguram suas orações pela Companhia e nas minhas intenções particulares. Sou-lhes agradecida pelo testemunho de vida e pelos inúmeros benefícios que seu serviço oferece aos que são pobres. Peço-lhes humildemente que continuem apresentando-me ao Senhor, a fim de que eu também seja fiel em buscar e fazer a sua vontade!

Quando agradei ao Padre Gregory por seu apoio e pelo exemplo de seu amor profundo pelos pobres, assegurei-lhe também a nossa oração tanto por ele quanto pela Congregação da Missão, que se prepara para viver a Assembleia geral a realizar-se de 27 de junho a 15 de julho. Que Deus possa continuar abençoando os nossos Padres e Irmãos da Congregação da Missão e que nossas experiências compartilhadas nos enriqueçam, assim como àqueles que servimos. Gostaria de expressar, em nome de todas, nossa gratidão e a certeza de nossas orações ao Padre Bernard Schoepfer, nosso Diretor Geral, ao

Padre Robert Maloney, ao Padre Fernando Quintano, ao Padre Javier Alvarez e ao Padre Patrick Griffin. Cada um continua sendo um dom para nós com sua sabedoria e seu apoio fraterno. Exprimo, igualmente, nossa profunda gratidão e a promessa de nossa oração à Irmã Juana Elizondo e à Irmã Evelyne Franc que fielmente e com perspicácia nos guiaram no passado; elas me asseguraram que todos os dias nos apresentam a Deus. Que o Senhor e a Virgem Maria lhes concedam as graças de que mais necessitam neste momento!

Enfim, que Deus conceda a cada uma de nós o que for necessário para com audácia ouvir sua voz que nos impele a viver em plenitude nossa consagração, nosso espírito de comunhão e nossa missão como Filhas da Caridade.

Com afeição e unida a todas pela oração,

Irmã Kathleen APPLER
Filha da Caridade

PADRE G. GAY, SUPERIOR GERAL

QUARESMA 2016

Queridos Irmãos e Irmãs, Membros da Família Vicentina

QUARESMA: UM TEMPO PARA O JEJUM

Uma história

Durante uma visita à Venezuela onde encontrei membros dos diversos ramos da Família Vicentina, as pessoas falavam da crise social e econômica que atravessa o país e dos seus efeitos na vida cotidiana. As pessoas devem esperar em longas filas para comprar gêneros alimentícios de primeira necessidade como pão, leite, arroz, feijão, etc; elas devem esperar em longas filas para comprar sabão, creme dental e outros produtos de necessidade básica; devem esperar em longas filas para obter medicamentos e materiais de primeiros socorros; as pessoas devem esperar em longas filas nas paradas de ônibus devido aos horários reduzidos em razão da falta de peças de reposição e de novos pneus para os veículos de transporte público; as pessoas devem esperar em longas filas para obter vistos de viagem e além disso terão que enfrentar filas ainda mais extensas nos aeroportos. Esperar durante horas, sem no entanto ter a garantia que se conseguirá os produtos desejados e sem nenhuma garantia que não se ouvirão estas temidas palavras: não temos mais pão (ou aquilo que se procura). Esta frase significa que será preciso esperar até a semana seguinte pois, somente é permitido entrar na “longa fila” quando o último número da carteira de identidade pessoal corresponde a um determinado dia da semana. Contudo, ao mesmo tempo, as pessoas falavam dos efeitos positivos desta crise, destacando o fato de que os laços de solidariedade foram reforçados. Um dos nossos coirmãos dizia que a situação atual levou-os a adotar um modo de vida mais simples e aproximou a comunidade da realidade dos pobres. Esta situação social, econômica e política com seus aspectos negativos e positivos, pode ser considerada como uma passagem da cruz (a crise) à ressurreição (a solidariedade e uma maior identificação com a situação daqueles que são pobres).

Uma história de Jesus

“E o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1, 14). Deus que é todo amor, misericordioso e compassivo, jamais abandonou a humanidade. *“Muitas vezes e de muitos modos falou Deus outrora aos nossos pais, pelos profetas; nestes dias, que são os últimos, ele nos falou por meio do Filho” (Hb 1, 1-2).* Jesus se misturava às multidões que formavam as longas filas de excluídos, na expectativa e esperança de participar, como membros ativos, da vida da sociedade. Jesus alimentou multidões e, não somente nenhuma pessoa voltou de mãos vazias, como também cestos e mais cestos de restos foram recolhidos (Mc 6, 34-44). Jesus estendeu o seu perdão incondicional aos pecadores, *setenta vezes sete* (Mt 18, 22), e exortava seus discípulos a serem também compassivos com seus irmãos e irmãs, como Deus tinha sido com eles (Lc 6, 36). Por sua Encarnação, hoje podemos encontrar Jesus em todas estas longas filas de espera que se constata em diversas cidades do mundo, longas filas de homens e mulheres que clamam a toda hora, pedindo para serem reconhecidos como membros integrais desta sociedade.

Uma nova história

Sim, a Quaresma é um tempo para o jejum, mas durante este ano da Misericórdia, nosso jejum deve assumir uma nova forma, aquela que leva à conversão pessoal e comunitária. Nosso jejum deveria ser de tal forma que jamais pudéssemos ser acusados *“de passividade, de indulgência ou de cumplicidade culpáveis frente a situações intoleráveis de injustiça e de regimes políticos que mantêm estas situações”* (*Evangelii Gaudium*, n° 194).

Nosso jejum deve impregnar-nos, tocar-nos no mais profundo de nosso ser, de maneira que possamos ouvir e compreender novamente o clamor dos nossos irmãos e irmãs. Então, escutando estes gritos, corramos para servi-los como se corrêssemos para apagar um incêndio. Lembremo-nos, portanto, que quando tecemos relações com aqueles que estão na periferia, *devemos entrar em seus sentimentos... é preciso sensibilizar nossos corações tornando-os susceptíveis ao sofrimento e as misérias do próximo e pedir a Deus que nos conceda o verdadeiro espírito de misericórdia que é o próprio espírito de Deus* (Coste XI, p. 340-341).

Que nosso jejum durante este tempo de Quaresma conceda a cada um de nós, membros da Família Vicentina, um coração novo, um coração de carne, um coração que nos permita criar vínculos sempre mais fortes com os *nossos senhores e mestres*, com os incontáveis homens e mulheres que, no mundo inteiro, são esquecidos e abandonados. Que nosso jejum durante esta Quaresma possa refletir esta mesma passagem que experimentam nossos irmãos e irmãs da Venezuela, uma passagem da cruz (nossa própria situação de crise) à ressurreição (a solidariedade e uma maior identificação com a situação daqueles que são pobres).

QUARESMA: TEMPO PARA REZAR

Uma história

No mês passado, por ocasião da festa da Epifania, fui ao Santuário de Nossa Senhora de Prime-Combe, que é administrado pelos nossos coirmãos da Província de Toulouse e por uma equipe pastoral composta por leigos bem formados. Houve um tempo em que aproximadamente 50.000 pessoas se reuniam para celebrar a festa de Nossa Senhora. Hoje em dia, apenas 300 pessoas vêm participar da festa, mas, todos os domingos, na medida do possível, um coirmão celebra a Eucaristia. Fiquei muito impressionado com a fé simples de uns 50 fiéis que estavam reunidos para celebrar a Eucaristia. Eram todos idosos com 60 anos ou mais (não havia nenhum jovem presente). Um grupo de monges beneditinos que, desde o ano de 1990, vivem num prédio localizado em nosso terreno, partilha a vida desta comunidade de fé. Entretanto, este grupo de monges consiste numa comunidade muito especial. Cada membro vive com uma certa deficiência. Porém, estes homens levam uma vida alegre e simples e oferecem

à população da redondeza um poderoso exemplo da maneira como o trabalho e a oração podem se entrelaçar.

Uma história de Jesus

Jesus se afastou muitas vezes da multidão e de seus discípulos para dedicar tempo à oração. Ele dizia aos seus discípulos: *“orai pelos que vos perseguem”* (Mt 5, 44) e Ele mesmo rezou para que *“todos sejam um, assim como tu, Pai, estás em mim e eu em ti”* (Jo 17, 21). Todos nós conhecemos o relato da oração angustiada de Jesus no Getsêmani (Mc 14, 32-42). Ao mesmo tempo, Jesus enalteceu a humilde oração do coletor de impostos: *Ó Deus, tem piedade de mim, que sou pecador...* e declarou que foi o coletor de impostos que voltou para casa justificado, pois, *quem “se humilha será exaltado”* (Lc 18, 9-14). Jesus também elogiou a oferta generosa da pobre viúva que foi a Jerusalém para rezar (Mc 12, 43-44).

Antes de partir deste mundo, Jesus deixou aos seus discípulos a herança de uma oração que combina dois grandes desejos centrados em Deus, com três clamores de súplica centrados nas urgentes necessidades básicas da humanidade. Jesus expressou ao Pai os dois desejos do seu coração: *Santificado seja o vosso nome, venha a nós o vosso Reino*. Estes são seguidos por três clamores de súplica: dai-nos o pão, perdoai-nos nossas ofensas, e não nos deixeis cair em tentação. Através de sua Encarnação, Deus compreende nossas necessidades, compreende que somos fragmentados e feridos e na pessoa de Jesus todas estas realidades são apresentadas ao Pai!

Uma nova história

Sim, a Quaresma é um tempo de oração e, nossa oração assim como o nosso jejum devem igualmente tomar uma nova forma durante este ano da Misericórdia, uma forma que conduz à conversão pessoal e comunitária. *Sem momentos prolongados de adoração, de encontro orante com a Palavra, de diálogo sincero com o Senhor, as tarefas facilmente se esvaziam de significado, enfraquecemo-nos com o cansaço e as dificuldades, e o ardor apaga-se. A Igreja não pode dispensar o pulmão da oração (Evangelii Gaudium, n° 262).*

Nossa oração e nosso jejum dão sentido ao nosso ministério/serviço, nosso ministério/serviço dá sentido à nossa oração e ao nosso jejum. Minha esperança é que durante estes 40 dias de Quaresma possamos dedicar tempo não somente para escutar os clamores dos pobres, não somente para servir e evangelizar os pobres, mas para rezar **com** os pobres. Afinal, não somos todos como os membros da comunidade beneditina de Nossa Senhora de Prime-Combe, ou seja, não estamos de algum modo fragmentados e com necessidade de cura, com necessidade das orações dos outros? Consequentemente, como os monges beneditinos, nossas “deficiências” não devem impedir-nos de contribuir na edificação de nossa comunidade, da associação, da Congregação.

Enfim, e se, como o Papa Francisco não cessa de fazer, pedíssemos às pessoas: *por favor, rezem por mim?* E se convidássemos os pobres a virem em nossas casas para partilhar com eles um tempo de oração? Gostaria de encorajá-los a fazê-lo e depois, durante o Tempo Pascal, poderíamos compartilhar uns com os outros nossas experiências de partilha da oração com nossos *senhores e mestres*.

Que a nossa oração e o nosso jejum nos permitam morrer com Cristo durante este tempo de Quaresma do ano de 2016, para ressuscitar com Ele no domingo de Páscoa e cantar nosso Aleluia!

Seu Irmão em São Vicente,

Padre Gregory GAY, cm
Superior geral

**Que o Senhor e nosso Deus nos abençoe,
e o respeitem os confins de toda a terra!**

(Salmo 66, 8)

Neste primeiro dia do ano de 2016 somos convidados a acolher a bênção de Deus e adorá-Lo de todo o nosso coração, dia-após-dia. Deus promete sua benevolência à nossa humanidade. Ele nos abre um caminho onde podemos aprender a nos *“tornar mediadores eficazes de suas promessas”*.

A cada ano Deus nos convida a começar de novo. Na fé cristã, não existe recomeços. Caminhamos de começo em começo, caminhamos nos passos daquele que é: *“o rosto da misericórdia do Pai. O mistério da fé cristã parece encontrar nestas palavras, a sua síntese. Tal misericórdia tornou-se viva, visível e atingiu o seu apogeu em Jesus de Nazaré”*. O Papa Francisco nos oferece um ano santo para praticar a misericórdia através das palavras, ações e presenças que manifestarão o perdão e a ternura de Deus de maneira concreta.

Sim, este 1º de janeiro é uma celebração de “começos” Evidentemente que se trata do começo do ano civil. A ciência nos revela que nosso pequeno planeta terra, perdido na imensidade do sistema solar e das galáxias com milhares ou milhões de planetas tendo cada um o seu próprio ritmo, gira em torno de si mesmo 24 horas e ao redor do sol no período de um ano. Esta dança encantadora da natureza que sai das mãos do criador e sua extraordinária harmonia é o que celebramos neste primeiro dia do ano. É nela que se inclui o ritmo de nossas celebrações litúrgicas que nos fazem reviver a cada ano o ciclo dos mistérios da salvação e as diferentes etapas da vida de Jesus.

Há uma semana, celebrávamos o extraordinário começo que foi o nascimento de Jesus. Este foi não somente o início da vida do próprio Jesus, mas o começo de uma nova etapa da história da humanidade. Hoje, fazemos memória da Virgem Maria que permite este início aceitando a entrada de Deus em sua própria história e tornando-se a mãe de Jesus,

O título litúrgico da celebração de hoje é “Solenidade da Santa Mãe de Deus”. Este título de “Mãe de Deus” é o fruto da reflexão teológica da Igreja e foi proclamado pelo Concílio de Éfeso em 431, com direito a algumas discursões inflexíveis e mesmo algumas intrigas. Este título é muito querido pela Igreja, tanto oriental como latina. “Maria, mãe de Deus, mãe de Jesus”, este belo título diz tudo, quando conhecemos quem é Jesus.

A carta aos Gálatas é o único texto de São Paulo que fala de Maria. Diferentemente dos evangelhos que com frequência falam de Maria, São Paulo fala apenas uma vez. É o texto de hoje, onde explica que Deus quis fazer de nós, seus filhos e filhas, tornando-se Filho de Maria. São Lucas compreendeu este papel : no início do seu evangelho, ele fez de Maria o personagem principal diante das intervenções de Deus. Foi ela que acolheu Jesus em nosso nome. Foi ela que recebeu a mensagem do anjo e que disse Sim aos projetos de Deus sobre nós. Ela se tornou então a Mãe de Deus e através dela, nós nos tornamos irmãos e irmãs de Jesus e, Nele, filhos e filhas de Deus.

Podemos comparar este novo ano como uma página em branco que deveremos preencher com o melhor de nós mesmos. Peçamos a Maria, Mãe de Deus, que nos ajude a irradiar a alegria de Deus, a irradiar a audácia da caridade no mundo. O que eu poderia desejar para todas neste início de ano de 2016? Com certeza, um “Feliz Ano Novo, cheio de saúde e paz. No entanto, não podemos esquecer daqueles que estão doentes, sozinhos, de luto, desempregados, os povos que sofrem com a fome, com a guerra, com o terrorismo; será que estas pessoas não correm o risco de ficarem decepcionados apesar da multiplicação de boas palavras? Houve catástrofes naturais e muitos dramas causados pelos humanos. Nosso mundo

igualmente viveu progressos no âmbito da solidariedade, da liberdade e da fraternidade. Devemos ler e meditar todos esses acontecimentos à luz da Palavra de Deus.

O desejo contido na bênção do Livro dos Números se realizou plenamente numa mulher, Maria. Através do seu exemplo de humildade e disponibilidade à vontade de Deus, Maria nos ajuda a traduzir nossa fé em anúncio alegre e sem fronteiras do Evangelho. Sabemos que o único meio de dar um sentido aos nossos anos num mundo sem limites, nem fronteiras é colocar-nos diariamente no seguimento de Jesus, caminharmos seguindo suas pegadas, para estar com ele no mundo dos mediadores de sua paz e de sua misericórdia. Neste primeiro dia do ano, a Igreja propõe ao mundo inteiro fazer da paz uma urgência. Acolhamos estas palavras de estímulo do nosso Papa Francisco:

“Deus não é indiferente; importa-Lhe a humanidade! Deus não a abandona! Com esta minha profunda convicção, quero, no início do novo ano, formular votos de paz e bênçãos abundantes, sob o signo da esperança, para o futuro de cada homem e mulher, de cada família, povo e nação do mundo, e também dos chefes de Estado e de governo e dos responsáveis das religiões”.

Somos chamados a passar *“da indiferença à misericórdia - fomentar uma cultura de solidariedade e misericórdia para vencer a indiferença - então a paz será fruto de uma cultura de solidariedade, misericórdia e compaixão”.*

Que o exemplo de Maria nos encoraje neste início de ano, a não nos deixarmos conduzir somente pelo fluxo dos momentos que se sucedem, mas que possamos desenvolver progressivamente o que nos torna “presentes” a nós mesmos, aos outros, e aos mais feridos pela vida!.

Com Maria e José, vamos adorar Jesus, nosso criador e Salvador. Como os pastores louvemos e glorifiquemos o Senhor, convictos de que sua Face iluminará nossos caminhos deste novo ano.

Aproveito para agradecer a todas, por suas orações e os votos de um feliz ano novo. Muito obrigado pelo serviço fiel e perseverante que cada uma realiza. Que este Ano Santo nos ajude a melhor contemplar o Rosto Misericordioso do Senhor. Que através da nossa vida, as obras de misericórdia se realizem, lá onde estamos!

Padre Bernard SCHOEPPER, cm
Diretor geral

PADRE P. GRIFFIN, CM

Sessão Internacional de Irmãs com mais de 40 anos de Vocação

“Caminhar com Deus”

Eu gosto de fazer caminhadas. Com o passar dos anos, tenho menos tendência a praticar esportes físicos como basquetebol ou ciclismo; estou mais propenso à facilidade e ao prazer de uma boa caminhada. Parece algo tão humano caminhar tranquilamente e quando alguém o faz com um amigo, é particularmente maravilhoso.

Os médicos nos dizem que uma boa caminhada faz bem para a saúde, é menos estressante do que um exercício mais dinâmico que pode levar a complicações. Assim, caminhar é uma coisa boa. Nesta minha conferência, gostaria de falar sobre a importância de “Caminhar com Deus”. Em hebraico, esta é uma expressão que se refere à maneira como alguém conduz sua vida em relação a Deus, mas também pode ter um sentido literal. Vamos refletirmos juntos sobre esta ideia.

CAMINHAR COM DEUS NO JARDIM DO ÉDEN: NOSSA NATUREZA CONSISTE EM ESTAR COM DEUS

Ao ensinar sobre o livro do Gênesis, tentei estar atento aos detalhes desta história cuidadosamente escrita, ainda que as implicações de uma ideia específica tenham escapado da minha percepção até recentemente. Escutemos uma parte desta história:

“E eis que Adão e Eva ouviram o barulho (dos passos) do SENHOR Deus que passeava no jardim, à hora da brisa da tarde. O homem e sua mulher esconderam-se da face do SENHOR Deus, no meio das árvores do jardim” (Gn 3,8).

A imagem é sugestiva. Podemos imaginar que a “hora da brisa da tarde” era o momento para fazer uma boa caminhada no belo Jardim do Éden. Gosto muito de imaginar o Criador de todas as coisas vindo ao Jardim apenas para uma caminhada com seus amigos, os seres humanos. É agradável pensar neles caminhando juntos e falando sobre a beleza disto ou daquilo. Adão e Eva talvez tenham dito a Deus o que descobriram e Deus talvez lhes tenha oferecido algumas explicações ou sugestões para lidar com a criação ou apenas escutado com interesse e atenção suas amadas criaturas.

A imagem de uma caminhada com Deus no jardim certamente sugere a natureza do relacionamento original entre Deus e a humanidade. Uma relação pessoal e de proximidade. As pessoas poderiam falar diretamente com Deus e Ele poderia lidar diretamente com elas. A beleza e a simplicidade desta imagem são inegáveis. Ela sugere que no coração de nossa própria natureza, fomos feitos para viver um relacionamento íntimo e recíproco com Deus. Esta imagem me deixa feliz e explica um pouco do anseio do coração humano de estar perto de Deus.

O pecado, no entanto, interrompe este relacionamento. Como a passagem acima menciona, depois do pecado, quando o homem e sua esposa escutam o Senhor caminhando no Jardim, eles se escondem. Seria uma imagem cômica, se ela não fosse tão triste. Talvez, o autor bíblico queira nos apresentar uma outra maneira de perceber a natureza do pecado. O pecado faz com que nos escondamos e dissimulemos nossos erros Daquele que nos ama. Sabemos quão bobo é este esforço, assim como também foi o esforço dos primeiros seres humanos que tentaram se esconder de Deus atrás das árvores.

Como resultado de seu pecado, o relacionamento íntimo e pessoal com Deus é quebrado. Os seres humanos são banidos daquele lugar de contato próximo com Deus: o Jardim do Éden: *“O Senhor Deus expulsou-os do jardim do Éden, para que cultivem a terra donde tinham sido tirados. Ele expulsou o homem e colocou diante do jardim de Éden os querubins e a espada chamejante, para guardar o caminho da árvore da vida” (Gn 3, 23-24).*

Os seres humanos estão, agora, privados de fazer aquelas caminhadas com Deus à brisa da tarde. Esta separação de Deus, esta impossibilidade de caminhar facilmente com Deus atrai a atenção sobre a natureza e a experiência do pecado.

Na história do Gênesis, encontro a verdade sobre a afirmação de que fomos feitos para caminhar com Deus, ter um relacionamento especial e profundo com Ele, falar facilmente com Ele e conhecer sua proximidade e seu desejo de estar conosco. Esta é a maneira como fomos feitos. Apenas o pecado nos impede e a experiência do pecado original prende nossas línguas para que não sejamos capazes de falar abertamente, enche nossos ouvidos para que não possamos ouvir claramente e amarra nossos pés para que não consigamos caminhar livremente. A graça nos permite recuperar nossa disposição original.

CAMINHAR COM DEUS: ABRAÃO E O RELACIONAMENTO DA ALIANÇA

“Abraão tinha noventa e nove anos. O Senhor apareceu-lhe e disse-lhe: “Eu sou o Deus Todo-poderoso. Anda em minha presença e sê íntegro; quero fazer aliança contigo e multiplicarei ao infinito a tua descendência” (Gn 17, 1-2).

Várias figuras do Antigo Testamento são descritas como pessoas que “caminharam com Deus”. Uma figura notável entre todas é Abraão, o Pai de Israel. Na história do Gênesis, Abraão é chamado por Deus para *“andar em minha presença e ser íntegro”*. A natureza deste acompanhamento é expressa na Aliança que Deus estabelece com ele. Uma aliança é um acordo entre pessoas que, normalmente, força as duas partes a certas ações e relacionamentos. Assim, quando Abraão “caminha com Deus”, ele faz isso mantendo as condições e os privilégios previstos pela Aliança .

“Faço aliança contigo e com tua posteridade, uma aliança eterna, de geração em geração, para que eu seja o teu Deus e o Deus de tua posteridade. Darei a ti e a teus descendentes depois de ti a terra em que moras como peregrino, toda a terra de Canaã, em possessão perpétua, e serei o teu Deus”. Deus disse ainda a Abraão: “Tu, porém, guardarás a minha aliança, tu e tua posteridade nas gerações futuras” (Gn 17, 7-9).

Quando Abraão e seus descendentes caminharam com Deus, fizeram isso à luz da Aliança que é expressa nesta simples fórmula: *“Tomar-vos-ei para meu povo e serei o vosso Deus”* (Ex 6,7; Lv 26, 12; Jr 7, 23; 30, 22; etc.). Esta fórmula básica une uma parte a outra. Quando Abraão e seus descendentes “caminham com Deus”, eles o fazem mantendo o acordo. Cada um sabe o papel do outro. As condições da aliança se tornam mais explícitas à medida em que o tempo passa, mas o que é claro é que o povo pertence ao Senhor e ele pertence a eles.

No mundo antigo, havia um pensamento que dizia que os deuses estavam ligados a certos lugares e épocas. O deus da Babilônia não era o deus da Assíria ou o deus da Samaria. Quando as pessoas se estabeleciam num determinado lugar, elas precisavam conhecer os deuses locais a fim de permanecer em contato com o poder divino. Não foi assim para o povo de Israel. Yahweh era o seu Deus. Não importava onde ou quando eles fossem, Yahweh ia com eles ou estaria lá antes deles. Ele os precedia. Ele sempre foi o seu Deus que os manteve unidos pelas restrições da Aliança. *“Eu serei o seu Deus e vós sereis o meu povo”*. O fato de respeitar fielmente esta diretiva permitiu ao povo caminhar com Deus.

O culto aos ídolos separou o povo deste exercício. Estes ídolos não tinham vida e nem poder. Uma pessoa não poderia se movimentar com eles. Apenas o Deus de Israel caminhava com seu povo e o convidava a permanecer com ele de acordo com as promessas da Aliança.

Quando buscamos aprender esta lição, temos a oportunidade de refletir sobre a aliança que nos une ao Senhor. Esta Aliança para nós, como cristãos, se concentra particularmente ao redor do corpo e do sangue de Jesus e esta é a verdade que nos une: *“Do mesmo modo (Jesus) tomou também o cálice, depois de cear, dizendo: Este cálice é a Nova Aliança em meu sangue, que é derramado por vós”* (Lc 22, 20; cf. Mt 26, 27-28; Mc 14, 24).

Quando caminhamos com o Senhor, fazemo-lo à luz da Aliança que fizemos com ele e ele conosco. Nossa atenção e esforço são atraídos para a Eucaristia onde recebemos nossa orientação e alimento para a jornada juntos.

CAMINHAR COM DEUS: MIQUEIAS E A HUMILDADE DIANTE DE DEUS

“Já te foi dito, ó homem, o que convém, o que o Senhor reclama de ti: que pratiques a justiça, que ames a bondade, e que andes com humildade diante do teu Deus” (Mq 6,8). Esta frase do profeta

Miqueias orienta nossa atenção para uma das posturas que devem caracterizar nossa caminhada com Deus: precisamos caminhar “com humildade”. O foco aqui está na orientação do coração em direção a Deus. Precisamos aprender a depender Dele ao invés de nós mesmos e de nossas próprias habilidades. Ao invés de nos orgulharmos do que apresentamos a Deus, nós humildemente reconhecemos que tudo vem Dele como um dom. Trata-se de escutar mais do que de falar, de aceitar mais do que impor, de doar-se mais do que fechar-se em si mesmo. Humildade é uma das virtudes que deve caracterizar as Filhas da Caridade. Ela é uma atitude que praticamos tanto em relação ao nosso Deus quanto em relação aos outros.

Nosso estilo de vida não inclui arrogância e orgulho; nem a busca da nossa vontade. Caminhando humildemente, nós nos entregamos aos desígnios, à vontade e ao coração de Deus. Desejamos viver prudentemente realizando com consciência e paixão a Vontade de Deus. Esforçamo-nos para ser sensíveis às necessidades dos outros e, desta maneira, responder com justiça e compaixão como o Senhor nos ensina.

Caminhar humildemente com Deus, como uma Filha da Caridade, significa conhecer suas próprias limitações e aprender a depender do Senhor deixando-se conduzir aonde e como Ele quiser. É uma posição mais confortável e apropriada do que se tivéssemos que direcionar o caminho. Caminhar humildemente sugere permitir que Deus determine o ritmo e a direção, o tempo de parar e a distância a percorrer e eventualmente quando precisamos voltar. Se caminhamos humildemente com Deus, deixando-nos conduzir pelo Espírito, oferecemos uma bênção às pessoas que servimos. O livro dos Atos dos Apóstolos está cheio de histórias onde a comunidade cristã é convidada a obedecer a Deus seguindo no caminho que Ele indicou.

Divirto-me com frequência, mas algumas vezes, incomoda-me o exemplo de Pedro no Novo Testamento. Algumas vezes, segundo o seu desejo, ele quis obrigar o Senhor a fazer algo; noutras vezes, ele hesitou ou recusou-se a ir lá onde o Senhor o conduziu. Pedro aprendeu na humildade a caminhar com Jesus, a exemplo de muitos líderes religiosos do Antigo e do Novo Testamento.

Quando Tomé diz que eles não sabem para onde Jesus vai e, logo, não poderiam saber como chegar lá, Jesus responde que ele é “o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 16, 5-6). Precisamos segui-lo com humildade e confiança a fim de chegar ao Pai. Miqueias nos encoraja a ser humildes em nosso caminhar com Deus. É um bom conselho. Da imagem figurativa de “caminhar com Deus” no Antigo Testamento, vamos agora para uma imagem mais literal “caminhar com Jesus”, no Novo Testamento.

CAMINHAR COM DEUS: JESUS E SEUS DISCÍPULOS

Claramente, Jesus e seus discípulos se deslocavam frequentemente. Como Jesus diz, por exemplo, no Evangelho de Marcos:

“E ele respondeu-lhes: “Vamos às aldeias vizinhas, para que eu pregue também lá, pois, para isso é que vim.” Ele retirou-se dali, pregando em todas as sinagogas e por toda a Galileia, e expulsando os demônios” (Mc 1, 38-39).

Às vezes, eu me pergunto como era viajar com Jesus. Posso imaginá-lo com os discípulos reunidos ao redor dele e conversando na medida em que iam de um lugar para outro. Sem dúvida que no caminho, Jesus continuava a formação dos discípulos. Às vezes, nós os vemos fazendo uma pergunta que Jesus responde longamente, como o significado de uma parábola (Mt 13, 36; 15, 15), a explicação de um gesto (Jo 13, 1-17), a resposta às questões (Jo 13, 38 - 14, 14) ou dos pedidos (Lc 11, 1-13). Algumas vezes, contudo, eu os imagino falando muito mais intimamente. Talvez, um deles pôde aproveitar a oportunidade para lhe pedir um conselho ou a opinião sobre um determinado assunto. A atitude aberta e atenta de Jesus teria facilitado este tipo de partilha, envolvendo-se na conversa e respondendo com afeto a um ou a outro.

As pessoas pareciam querer se unir a Jesus ao longo do caminho. Ele as convidava a caminhar com ele. Lembrem-se do cego Bartimeu:

“Ao aproximar-se Jesus de Jericó, estava um cego sentado à beira do caminho, pedindo esmolas. Ouvindo o ruído da multidão que passava, perguntou o que havia. Responderam-lhe: É Jesus de Nazaré, que passa. Ele então exclamou: Jesus, filho de Davi, tem piedade de mim! Os que vinham na frente repreendiam-no rudemente para que se calasse. Mas ele gritava ainda mais forte: Filho de Davi, tem piedade de mim! Jesus parou e mandou que lho trouxessem. Chegando ele perto, perguntou-lhe: Que queres que te faça? Respondeu ele: Senhor, que eu veja. Jesus lhe disse: Vê! Tua fé te salvou. E imediatamente ficou vendo e seguia a Jesus, glorificando a Deus. Presenciando isto, todo o povo deu glória a Deus” (Lc 18, 35-43).

Nesta história todos os que caminhavam com Jesus ao longo do caminho não o compreendiam, nem o seu ensinamento. Eles desejam silenciar o mendigo para não interromper a viagem de Jesus. Mas Jesus para a fim de falar com este homem (lembrem-se de como Jesus age de maneira semelhante no caso da mulher com hemorragia, Lc 8, 43-48). Depois de Jesus ter falado com ele e oferecido a cura, este homem começa a seguir Jesus e andar com ele. Lembrem-se da história do homem rico que veio até Jesus, declarou sua obediência à Lei e perguntou o que mais ele precisava fazer. Jesus deu-lhe uma resposta forte: *“A estas palavras, Jesus lhe falou: Ainda te falta uma coisa: vende tudo o que tens, dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu; depois, vem e segue-me” (Lc 18, 22).*

É oferecida a esse homem a maravilhosa oportunidade de caminhar com Jesus, e tornar-se um dos seus discípulos. Mas ele não está disposto a fazê-lo, se não puder levar todas as suas coisas com ele. Podemos perguntar-nos o que faríamos se Jesus tivesse nos chamado para o discipulado de maneira tão audaciosa? Estaríamos dispostos (ou não) a deixar tudo para trás a fim de caminhar com ele?

Esta caminhada com Jesus não é uma ilusão ou literatura de ficção, mas um chamado genuíno para configurar nossas vidas à sua de tal maneira que segui-lo ao longo do caminho é uma opção real. Devemos permanecer em sua presença sem ficarmos tão para trás nem nos distanciar a ponto de perdê-lo de vista. Ao caminharmos com Jesus, ele nos mostra o caminho.

CAMINHAR COM JESUS: O CAMINHO DA CRUZ

Algumas vezes, caminhar com Jesus é perigoso. Quando ele começa seu caminho para a cruz, adverte seus discípulos para não segui-lo tão de perto:

“Perguntou-lhe Simão Pedro: Senhor, para onde vais? Jesus respondeu-lhe: Para onde vou, não podes seguir-me agora, mas seguir-me-ás mais tarde. Pedro tornou a perguntar: Senhor, por que não posso seguir-te agora? Darei a minha vida por ti! (Jo 13, 36-37)

Não precisamos questionar a sinceridade de Pedro. Ele tinha caminhado com Jesus até este momento de suas vidas. Ele não poderia imaginar abandoná-lo agora. A declaração de sua disposição para morrer por Jesus talvez tenha saído muito rápido de seus lábios, mas talvez tenha sido mais uma hipérbole para ele.

Jesus, no entanto, não quer que seus discípulos percorram o caminho da cruz com ele. Eles ainda têm muito para aprender e compreender quem é Jesus. Se eles tivessem seguido Jesus naquele momento, eles o fariam às cegas e não era isto que Jesus desejava. Ele queria que os discípulos confiassem e compreendessem porque estariam entregando suas vidas e, portanto, fossem capazes de fazer isso livremente. Desta vez, Jesus precisava percorrer o caminho da cruz sozinho. Somente após a Paixão, Morte e Ressurreição é que os discípulos compreenderão e quando tiverem recebido o dom do Espírito Santo.

Jesus convida seus discípulos, e a nós, a percorrer este caminho com ele. Quando conhecemos quem é Jesus e nele acreditamos podemos viver com ele o caminho da cruz. É desta maneira que se caminha com Jesus. O que quer que aconteça em nossas vidas trata-se de abandonar-se à Vontade do Pai, característica do caminho de Jesus até sua morte e a vida nova. Caminhamos com Jesus e ele nos ajuda a carregar nossa cruz. Não há como evitar esta parte do caminho.

CAMINHAR COM JESUS: OS DISCÍPULOS A CAMINHO DE EMAÚS

Um exemplo de caminhar com Jesus encontra-se na história dos discípulos de Emaús:

“Nesse mesmo dia, dois discípulos caminhavam para uma aldeia chamada Emaús, distante de Jerusalém sessenta estádios. Iam falando um com o outro de tudo o que se tinha passado. Enquanto iam conversando e percorrendo entre si, o mesmo Jesus aproximou-se deles e caminhava com eles. Mas os olhos deles estavam como que vendados e não o reconheceram. Perguntou-lhes, então: De que estais falando pelo caminho, e por que estais tristes?” (Lc 24, 13-17).

Na medida em que a história se desenvolve, ouvimos os discípulos contarem a Jesus o que tinha acontecido com ele. Então, Jesus começa a lhes explicar as Escrituras enquanto caminhavam juntos. Quando eles, finalmente, chegam a uma aldeia, Jesus parece continuar, mas os discípulos o convencem a ficar com eles. Na refeição, Jesus se revela a eles “ao partir o pão”.

Esta história está cheia de ensinamentos que podem ser úteis para nós quando refletimos sobre como caminhar com Jesus. Primeiro, escutá-lo juntos quando nos ensina através das Escrituras; segundo, reconhecer seu desejo de sempre seguir em frente; terceiro, buscar o alimento para a jornada que encontramos nas espécies eucarísticas.

Quando os discípulos caminham com Jesus, o texto nos diz que ele começa a interpretar as Escrituras para eles.

“E começando por Moisés, percorrendo todos os profetas, explicava-lhes o que dele se achava dito em todas as Escrituras” (Lc 24, 27).

Esta é uma das bênçãos e um dos seus propósitos de caminhar com Jesus. Ele fala conosco com as palavras das Escrituras e nós começamos a compreendê-las pela primeira vez porque as escutamos da maneira como devem ser ouvidas: de sua boca, com sua intenção e dirigida a nós. A fim de ler bem a Escritura, temos de estar atentos ao que ele diz e como ele diz. Não é basta simplesmente ler as palavras. Precisamos caminhar frequentemente com Jesus ao longo do percurso e, algumas vezes, ele precisa nos repetir as lições e histórias várias vezes até que realmente possamos compreendê-las e, somente então dizer:

“ Não se nos abrasava o coração, quando ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?” (Lc 24, 32).

Observem também como isto acontece quando caminhamos com Jesus. O significado das Escrituras só ficará mais claro quando as escutarmos com o Senhor. Precisamos caminhar juntos com o Senhor, em comunidade.

Esta história nos lembra que Jesus está sempre a nossa frente. Quando os discípulos estão prontos para parar, Jesus não para. Ele sempre está desejando seguir em frente para possibilidades novas e diferentes. Caminhar com o Senhor não é apenas uma jornada que fazemos por capricho ou escolha própria. O Senhor conduz e decide quando a jornada começa e termina. Precisamos estar prontos para caminhar no seu ritmo e segundo a sua escolha. A decisão dos discípulos de parar naquele ponto de sua viagem, não impede Jesus de seguir em frente. Precisamos lembrar-nos disso, também. Somos sempre servos e servas do Senhor e nos deslocamos quando ele decide nos chamar. Com qualquer outra

motivação, nós estamos simplesmente andando sozinhos no mesmo caminho em que o Senhor está neste momento da nossa experiência.

Enfim, quando o Senhor faz uma parada com eles na aldeia, eles começam a comer e o Senhor se revela, “ao partir o pão”. A “fração do pão”, como sabemos, é o nome que a comunidade cristã primitiva usava para a celebração eucarística. Com a explicação das Escrituras e as espécies eucarísticas, não é difícil ler aqui o esforço de Lucas para representar a Eucaristia da Igreja Primitiva: *“Aconteceu que, estando sentado conjuntamente à mesa, ele tomou o pão, abençoou-o, partiu-o e serviu-lho. Então se lhes abriram os olhos e o reconheceram... mas ele desapareceu”* (Lc 24, 30-31).

Depois de viajar com o Senhor e ser alimentado pelo dom da Palavra, agora os discípulos estão preparados para receber o dom da mesa/altar, o alimento. Para caminhar com o Senhor, devemos ser alimentados pela sua presença e isso acontece na Eucaristia. Os discípulos a caminho de Emaús nos ensinam o que significa avançar com o Senhor em comunidade, escutando a Palavra e recebendo o Senhor no seu corpo e sangue. Este é o verdadeiro “alimento para a viagem” (viático) quando caminhamos com o Senhor.

CAMINHAR COM JESUS: PEDRO NA PRAIA

O final do Evangelho de João apresenta o Senhor ressuscitado falando com Pedro. Conhecemos este diálogo. Três vezes, o Senhor pergunta a Pedro *“Tu me amas?”*. E três vezes, Pedro responde *“Sim”*. E três vezes o Senhor diz a Pedro *“Apascenta os meus cordeiros/as minhas ovelhas”*. É uma história muito conhecida (o que não quer dizer que seja uma história completamente bem compreendida por todos). Depois desta pergunta e da resposta, Jesus fala com Pedro sobre sua morte e, finalmente, diz para ele: *“Segue-me”* (Jo 21, 19). Este é um maravilhoso chamado para caminhar com o Senhor pelo resto de sua vida. E Pedro o aceita. Nós nos alegramos com Pedro.

Mas, vocês observaram o versículo seguinte? *“Voltando-se Pedro, viu que o seguia aquele discípulo que Jesus amava (aquele que estivera reclinado sobre o seu peito, durante a ceia, e lhe perguntara: Senhor, quem é que te há de trair?). Vendo-o, Pedro perguntou a Jesus: Senhor, e este? Que será dele? Respondeu-lhe Jesus: Que te importa se eu quero que ele fique até que eu venha? Segue-me tu”* (Jo 21, 20-22).

O texto diz que este “discípulo amado” estava seguindo Jesus e Pedro o que, sugere claramente que eles estavam caminhando ao longo da praia enquanto conversavam. Eu gosto desta ideia de Pedro caminhando com Jesus até o fim. Seu ministério não ia ser sedentário, mas sempre na estrada com Jesus para torná-lo conhecido. Em seu último encontro pós-ressurreição, eles aproveitam da oportunidade para fazer uma caminhada juntos e resolver todas as questões.

A orientação final dada a Pedro é feita neste contexto. Mesmo enquanto caminham juntos, o Senhor repete a orientação anterior em termos mais claros. Não se preocupe com a tarefa ou o chamado de outras pessoas (são elas que deverão estabelecer sua relação com o Senhor), preocupe-se com o seu próprio chamado. O que importa é: *“Siga-me”*. Quando eles caminham juntos na praia, fica claro que eles não são iguais. O papel do discípulo é sempre seguir o Senhor. Pedro aprendeu esta lição e ela caracteriza o resto de sua vida. Ela deve ter o mesmo efeito em nós.

CONCLUSÃO

“Caminhar com Deus” é uma imagem que tem muitas interpretações e aplicações. Eu aponte algumas daquelas que, para mim, emergem dentro de nosso contexto bíblico. Os exemplos do Antigo Testamento são mais simbólicos, enquanto os exemplos do Novo Testamento parecem bem concretos quando Jesus está presente neles. Ambos, contudo, nos convidam a refletir sobre o nosso relacionamento

com Deus. A imagem tem, certamente, a intenção de nos levar a refletir sobre a proximidade de Deus e a maneira como somos convidados a viver nossas vidas como seus discípulos.

Vocês teriam um exemplo favorito de como imaginam o que significa “caminhar com Deus”? Quando consideramos as vidas dos nossos Fundadores é fácil imaginá-los como pessoas que caminharam com Deus e que falaram com ele com grande intimidade e fervor.

A Encarnação colocou Jesus em nosso meio e naturalmente nos convida a considerar como seria caminhar com ele - e a que isto se assemelharia efetivamente. Neste dia de retiro, eu as convido a fazer uma caminhada com Deus. Deixem-se levar a lugares onde vocês precisam ir e escutar as palavras que vocês precisam ouvir. No momento em que vocês se preparam para esta jornada, deixem-me enviá-las com a despedida final que fazemos em nossa Eucaristia: *“Ide em paz e que o Senhor vos acompanhe”*.

Padre Patrick GRIFFIN, cm

ALGUMAS PERGUNTAS

Você já pensou como seria caminhar com Jesus durante o seu ministério terreno? Como isso afeta você? O que você perguntaria a ele?

Quais histórias sobre "caminhar com Deus" são mais atraentes para você? O que elas lhe ensinam sobre a sua relação com Deus?

A história dos discípulos no caminho para Emaús sugere algumas verdades importantes para você? Você pode colocar-se no lugar de um dos discípulos e aprender o que ele estava aprendendo?

Você está pronta para caminhar com Jesus no caminho da cruz? Você já está fazendo isso em sua vida e isso oferece-lhe algum conforto ou sentimento de aceitação?

Você acha que "caminhar com Deus", como sugerido no relato do Gênesis, é uma verdadeira expressão de nosso eu mais profundo? Será que realmente temos a intenção de caminhar com Deus de uma forma natural e normal? O que isso significa para você?

IRMÃ A. PRÉVOST, FILHA DA CARIDADE

Sessão internacional de Irmãs entre 7 e 10 anos de vocação

Maria, Estrela da Nova Evangelização

O tema da Assembleia geral de 2015 se insere na reflexão da Igreja sobre a Nova Evangelização. Na Carta Apostólica para introduzir o Terceiro milênio, o Papa João Paulo II não hesitou em dizer que a Virgem Maria é a *“Estrela da Nova Evangelização”*. Atribuir a Maria o nome de “estrela”, não é algo novo, pois São Bernardo e Santa Tereza de Lisieux já o fizeram anteriormente. Mas, ao acrescentar *“Estrela da Nova Evangelização”*, significa ressaltar que Maria pode nos ajudar a compreender o que é a evangelização e como evangelizar. Como Maria pode ajudar-nos a evangelizar?

Pode-nos parecer surpreendente falar sobre Maria a respeito da evangelização, porque, nós a associamos de maneira mais espontânea à dimensão da contemplação, da interiorização: Maria Imaculada sendo por excelência na vida da Igreja a figura contemplativa que acolhe a Deus, que se deixa habitar por

Ele e nele viver. É menos comum associá-la à imagem da evangelização ou olhá-la como uma mulher missionária porque associamos mais à missão uma dimensão exterior. No entanto, o Evangelho une a realidade profunda entre as duas palavras: contemplação e missão. Basta lembrarmos que Jesus passou a noite rezando antes de escolher os doze apóstolos. Jesus e Maria nos revelam que jamais seremos missionários se não formos contemplativos.

A Virgem Maria foi escolhida por Deus para esta missão única na história da humanidade, que é doar Deus aos homens. Deus escolheu passar pela Imaculada para vir morar em nossa humanidade. Logo, faz dois mil anos que a Virgem Maria soube realmente entregar Deus ao mundo, ou seja, Jesus Cristo que se encarnou.

A Visitação é uma bela ilustração da maneira como Maria carrega o Cristo consigo e o entrega ao mundo. Logo após a visita do Anjo, ela saiu apressadamente ao encontro de sua prima Isabel para anunciar Aquele que ela carregava. Ela leva Jesus como um serviço de caridade ao seu próximo. *Maria irradia o Espírito*. Graças a aproximação de Maria, João ficou cheio do Espírito (cf. Lc 1, 15). Através das palavras e do ventre de Maria, Jesus comunica seu Espírito a João Batista e faz dele um profeta.

Ao mesmo tempo, Isabel que é idosa, e representa a velha humanidade estéril, imediatamente começa a profetizar. A Visita de Maria é uma verdadeira propagação do Espírito que vai se irradiar: primeiro na criança e em sua Mãe, depois será o Pai, Zacaria que, cheio do Espírito Santo, profetizará (Lc 1, 64) e, finalmente, todos os que o rodeavam, *“todos os vizinhos da região” bendirão a Deus* (Lc 1, 65). Assim, Maria da Visitação é a evangelizadora porque dar o Evangelho significa dar Jesus. Ela é o **primeiro modelo de uma evangelização onde o Espírito é o ator principal**.

As Bodas de Caná nos revelam também uma faceta de evangelização da Virgem Maria. De fato, nestas Bodas, não foi somente Jesus que fez um milagre; Maria também fez um milagre quando disse: *“Fazei tudo o que ele vos disser”*, ela transforma os “servos das Bodas” em “servos de Jesus”.

Ao pé da Cruz, é o próprio Jesus que nos convida a tomá-la como modelo e como Mãe, ou seja, a estar em relação com ela de uma maneira renovada, para escutá-la e dialogar ainda mais com ela. Se Jesus disse: *“aquele que vos escuta e me escuta”* com maior razão *“aquele que escuta Maria, escuta Jesus”*.

Se lermos atentamente os Evangelhos, veremos que a Virgem Maria faz exatamente o contrário daquilo que normalmente fazemos. Muitas vezes, realizamos os nossos próprios projetos, com nossos próprios meios, para a nossa própria glória, enquanto a Virgem Maria quer sempre realizar o projeto de Deus, com os meios de Deus, para a glória de Deus. Nisto, Maria é nosso modelo.

No entanto, Maria não aparece somente nos Evangelhos, ainda hoje, ela está viva, sentada à direita de Jesus, na glória do Céu e, logo, continua nos acompanhando e nos ajudando em nossa caminhada de fé, ela quer nos dar Jesus e nos transformar em servos e servas de seu Filho.

Por isso ela aparece ocasionalmente onde quer e quando quer para nos conduzir, proteger, preservar e nos ajudar. Ela faz tudo o que uma mãe pode fazer por seus filhos. Contemplemos sua ação evangelizadora com Catarina Labouré. Considerando o lugar da Imaculada na vida e na oração dos Fundadores, as aparições de 1830 são uma missão confiada à Família Vicentina para toda a Igreja, para hoje e para todos os séculos.

O PROCESSO EVANGELIZADOR DE MARIA COM CATARINA LABOURÉ

Introdução

No dia 18 de julho, Santa Catarina contempla a Virgem Maria e permanece em sua presença. Depois, Maria conversa com ela sobre muitas coisas, entre as quais, sobre uma missão que Deus lhe iria confiar. No dia 27 de novembro, Catarina recebe a missão de revelar ao mundo o que ela contemplou: a

Virgem Maria cheia de graça, aquela onde tudo é graça, que está inteiramente na graça. É impossível falar da beleza da Virgem Maria, é preciso tê-la visto e, mesmo assim, como descrevê-la?

Santa Catarina disse: *“Seu rosto era tão belo que eu não saberia descrevê-lo”*. É, pois, uma mulher de beleza indescritível que aparece à Catarina, resplandecente do reflexo da Beleza de Deus, transparente à Luz de Deus. É a percepção de Maria como a Imaculada Conceição; a origem de sua beleza é Deus.

A BELEZA DE MARIA

A beleza é a marca essencial daquela que é “cheia de graça”. Mas, o que é a graça? No evangelho, São João diz que a graça é a vida de Deus, a vida do Espírito. *“A graça e a verdade vieram por Jesus Cristo”* (Jo 1,17). Jesus é a graça de Deus dada ao mundo. Quando o anjo Gabriel refere-se à Maria como a “cheia de graça”, ele não está baseado em registros quantitativos, ele diz simplesmente que em Maria só existe a graça, só existe Deus: não é Maria que vive, é o Espírito de Deus que vive nela.

A Beleza de Maria vem de Deus. Maria é bela porque **a graça de Deus está nela** e ela a **recebeu de Deus**. Ela é bela pela **maneira com que recebeu a graça tanto quanto poderia recebê-la**. De fato, Deus não cessa de se doar, mas Ele não se doa no vazio, ele deve ser acolhido. Maria recebeu a graça porque está inteiramente voltada para o acolhimento, ela realiza o “pleno acolhimento da graça”. Maria é bela também porque **recebeu a graça para comunicá-la**. A graça nunca está na ordem da propriedade. Maria Imaculada não é uma “propriedade privada”, ela dá tudo o que Deus lhe deu, ela dá o próprio “Deus”. *“Cheia de graça”*, é a dispensadora de todas as graças.

O BRILHO DE MARIA

Maria se apresenta num brilho de luz, ela resplandece a luz recebida de Deus. Ainda que ela seja uma simples criatura, jamais poderemos expressar com nossas palavras humanas todo o amor que existe entre Maria e Deus e entre Deus e Maria. Ela está unida de uma maneira perfeita às três pessoas da Santíssima Trindade: Maria é a *“Filha Imaculada do Pai, Mãe do Cristo e Esposa do Espírito Santo”*. Este mistério ultrapassa nossa compreensão, somente o Espírito Santo pode ajudar-nos a melhor compreendê-lo, pois Maria é realmente o segredo de Deus. As palavras de São Paulo podem ajudar-nos a esclarecer: *“Estou pregado à Cruz de Cristo. Eu vivo, mas já não sou eu; é Cristo que vive em mim”* (Gal 2, 19b-20).

“Os raios de um brilho resplandecente”

A aparição de 27 de novembro confirma simbolicamente o íntimo laço entre Maria Imaculada e o Espírito Santo. A Virgem Maria é representada distribuindo as graças do Espírito sobre a terra através dos raios que jorram de suas próprias mãos. A União entre Maria e o Espírito Santo é tão perfeita que ela possui todos os dons do Espírito Santo e o Espírito age através dela. Lá onde está Maria, o Espírito está presente. Maria comunica sem reserva a graça da qual está plena.

Esta aparição nos ajuda a ter mais consciência que o Senhor deseja vir até nós através da Virgem Maria. Evidentemente que Deus é Todo-poderoso, ele não precisa de Maria, mas quer precisar dela. Antes de ser uma escolha do homem, a Virgem Maria é a escolha de Deus. As escolhas de Deus são escolhas divinas, eternas, ininterruptas. A escolha de Maria é eterna, desde toda a eternidade e, continua sendo a cada instante de nossa vida como nos lembra o Concílio Vaticano II: *“a maternidade espiritual de Maria não para no tempo, ela continua ainda hoje”*. O papel de Maria é tornar-nos semelhantes ao Filho que ela colocou no mundo. A Imaculada é a “mediadora” das graças do Espírito.

É importante definir o que significa a mediação de Maria na ordem da graça. Sabemos que existe apenas um Mediador entre Deus e os homens (1 Tm 2,5-6), mas devemos evitar uma concepção muito reduzida da única mediação do Cristo, pois sua mediação é uma mediação “aberta” suscitando uma cooperação variada da parte das criaturas (cf. LG n° 62).

Como para toda criatura, a mediação de Maria não está “à parte” da mediação de Cristo, ela está “dentro” da mediação do Cristo; sua mediação materna está subordinada a única mediação do Cristo. No entanto, o Concílio Vaticano II afirma a especificidade da mediação de Maria: ela nos coloca **imediatamente** em contato com Deus, ou seja, desde o instante que estamos com Maria, estamos automaticamente mergulhados em Deus: **“a função maternal de Maria em relação aos homens de modo algum ofusca ou diminui esta única mediação do Cristo, manifesta antes a sua eficácia...de modo que não impede o contato imediato dos fiéis com Cristo, antes o facilita”** (LG n° 60, cf. RM 38, 2).

Esta afirmação pode ser desconcertante e mesmo contraditória para nossa lógica humana. Como uma mediação permite colocar imediatamente em contato com uma realidade? Porque muitas vezes, representamos a mediação de Maria como um degrau suplementar entre nós e Deus, como se Maria nos impedisse de ver a Deus. Na realidade, não se trata de um intermediário, Maria não **está entre mim e Jesus**, ela está **em Jesus**. Maria e Jesus estão intimamente unidos, mas tão unidos que, Jesus está totalmente em Maria e Maria está totalmente em Jesus. Por isso a mediação de Maria não atrasa nossa comunicação com o Cristo, mas a facilita.

O Concílio Vaticano II nos garante isto e nos estimula a viver com Maria, pois, além de não fazer sombra ao Cristo, Maria contribui unindo-nos a Jesus. Sem a mediação materna, estaríamos associados ao Cristo de uma maneira imperfeita, segundo a medida de nossa fé. Pois, não passamos de pobres pecadores, pobres homens e mulheres de fé que nos colocamos sempre no centro e raciocinamos a partir de nós mesmos. Logo, não passamos de “receptores” imperfeitos da graça. É por isso que permanecemos sempre distantes do Cristo. No entanto, no centro da Igreja, Maria é uma presença de fé que recebe a graça com o Sim perfeito, e Deus pode entregar-se inteiramente. Por detrás do nosso acolhimento imperfeito, Maria está presente, ela recebe a graça em plenitude; por isso devemos nos inscrever na fé de Maria que favorece a nossa imediata união com o Cristo.

Os raios que não brilham

Catarina deveria olhar com muita atenção a Santíssima Virgem, pois ela disse: *“existem raios que não estão brilhando”*. Maria disse-lhe: *‘Ah! Se cada pessoa me pedisse as graças de que mais precisam...’* Esta observação da Virgem Maria é muito interessante! Maria revela sua preocupação com o destino da família humana; para ela, a salvação de cada homem é vital. Maria sofre, ela se preocupa ao constatar que seus filhos não lhe pedem as graças do Espírito de que tanto necessitam para viver como irmãos e irmãs de Jesus; podemos imaginar o que se passa em seu coração de Mãe, quando vê a indiferença de seus filhos, seu distanciamento ou rejeição de Deus, sua infelicidade por viver sem Deus.

Maria nos convida a lhe pedir muito, pois seu coração está cheio da graça do Espírito, convida-nos a lhe pedir até mesmo o impossível, porque ela quer nos dar o máximo: *“pedi e recebereis, buscai e encontrareis”*. Nossa oração a Maria não é determinada pela nossa sensibilidade pessoal, pela nossa atração quase espontânea para ela, mas, pela convicção de que passando por Maria, recebemos o Espírito Santo em profusão. Maria é como a “fonte” do Espírito, por isso o que faz a sua alegria, é conceder aos seus filhos as graças do Espírito para ajudá-los a se tornarem, a seu exemplo, o templo do Espírito e encontrar a verdadeira felicidade, a alegria do Evangelho: *“Derramo as graças sobre todas as pessoas que m’as pedem... que alegria experimento ao concedê-las”*.

NA ESCOLA DA VIRGEM MARIA, ALGUMAS PISTAS PARA EVANGELIZAR

Durante a noite de 18 de julho de 1830, Maria não pensou primeiro em oferecer a Catarina uma mensagem, ela entrou numa relação de reciprocidade e de estima, favorecendo um acréscimo de existência (uma vida nova). Através de sua presença, Maria permite que Catarina se reconheça como única: *“ali eu passei o momento mais doce de minha vida”*; estas palavras de felicidade dão testemunho disto. Para se tornar evangelizadora, Catarina se deixou primeiro evangelizar pela Virgem Maria. A evangelização

é um processo que implica deixar-se envolver por Cristo e permanecer em sua graça (cf. n° 4 dos Ecos da Companhia julho-agosto de 2014).

Durante a aparição de 18 de julho, Catarina fez a experiência pessoal do acolhimento do próprio Deus que se comunica “como um amigo”. Durante a aparição de 27 de novembro Catarina descobre Maria Imaculada que quer transmitir ao mundo uma mensagem. Maria tem uma atitude catequética; para atrair a atenção e propor o Evangelho a todos ela escolheu uma linguagem simbólica, por exemplo: o globo terrestre, a luz, a Medalha, as doze estrelas e o reverso da Medalha. Apresento aqui algumas pistas de interpretação que convidam ao diálogo.

O GLOBO DOURADO: ***Levar a Jesus a vida do mundo***

O primeiro passo de toda a evangelização é ir ao mundo tal como ele é para nele descobrir os traços do Ressuscitado, amá-lo e apresentá-lo ao Senhor, numa atitude de oferta a exemplo de Maria que apresenta a Deus o pequeno globo dourado encimado de uma cruz. A evangelização não é em primeiro lugar uma questão de método pastoral, ela é primeiro uma disposição interior para amar as pessoas, conscientizar-se de suas necessidades e apresentá-las a Jesus, como Maria o fez em Caná, permitindo-lhe assim realizar publicamente seu primeiro ato missionário. A oração é um meio indispensável para evangelizar.

A Luz: Evangelizar pela irradiação

Contemplando Maria inundada de luz, descobrimos uma outra especificidade de sua dimensão evangelizadora: **sua irradiação**. Com Maria, compreendemos melhor que *somente através da irradiação podemos transmitir Deus aos outros*. A Bíblia revela que Jesus é “*o sol nascente que nos veio visitar*”, o “sol de justiça”. A Virgem Maria não possui luz própria, ela reflete inteiramente a luz que recebe do Sol.

A Virgem das graças nos lembra nossa responsabilidade missionária e nos ensina a viver sem que estejamos no centro, sem buscar a todo custo critérios de eficácia, mas irradiando humildemente a luz de Cristo. A característica própria da evangelização pela irradiação é a **coerência**; a coerência entre nossa fé interior e nossos atos exteriores. Se alguém quiser se tornar um grande evangelizador, deve renunciar a si mesmo, fazer sacrifícios, pois somente o amor transforma.

Em Maria existe uma perfeita coerência entre o que ela vive e o que oferece. Por isso que sua irradiação é tão eficaz e que ela é a mais missionária de todas as criaturas. A evangelização será realmente “nova” se formos gradativamente coerentes a exemplo de Maria.

A MEDALHA : ***Ser um sinal que permite entrar no Evangelho***

A Medalha é a expressão da maneira de agir de Deus. Quando está no meio de nós, Ele está sempre através de recursos simples e inesperados: numa gruta, montado num jumento, na cruz - a dos escravos... Quanto a nós, estamos sempre buscando meios mais eficazes para evangelizar, no entanto, através da sua Medalha, Maria nos convida à conversão, à humildade de Deus, ao despojamento do nosso orgulho para nos revestir do espírito de humildade. A evangelização exige evangelizadores humildes e simples.

Através da Medalha, Maria nos dá uma lição que fala ao coração: não é preciso saber ler e escrever para descobrir a mensagem, ela desperta nossa confiança em Deus. A evangelização será “nova” se formos capazes de nos adaptar às novas condições que hoje enfrentamos e de suscitar a confiança no coração dos pobres. A Medalha foi dada para todos e, até mesmo aqueles que não creem podem trazer consigo a Medalha. O exemplo da conversão de Ratisbone é uma bela imagem disto.

AS DOZE ESTRELAS: ***Testemunhar uma autêntica vida fraterna***

As doze estrelas que coroam a cabeça de Maria lembram a mulher do Apocalipse: *“Um grande sinal apareceu no céu: uma Mulher revestida do sol, a luz debaixo dos seus pés e na cabeça, uma coroa de doze estrelas”*. No Apocalipse, São João vê uma mulher revestida de sol, portanto, é o sol que dá a sua luz. As doze estrelas que coroam a cabeça da Imaculada representam doze tribos de Israel. Mas também os doze apóstolos, ou seja, a Igreja, o povo de Deus. Logo, cada uma de nós é uma destas estrelas que deve irradiar a luz de Cristo de maneira pessoal, mas também comunitária. No mundo atual, algo que particularmente deve irradiar é a **vida fraterna**. Com as doze estrelas podemos ouvir um chamado especial do Senhor para **irradiar a fraternidade entre nós** para que nossas Comunidades possam dar testemunho da Trindade, da unidade na diversidade, do Deus de Jesus Cristo. Construir Comunidades fraternas, unidas ao redor de Maria, favorecer e valorizar nossas diferenças, reconhecer em cada Irmã uma igual dignidade, é uma brilhante maneira de traduzir o mistério trinitário: *“vede como eles se amam”*. Sim, é necessária a *“audácia da caridade para viver um novo elã comunitário que é, por si mesmo, missionário”*.

O REVERSO DA MEDALHA: **Educar nosso olhar de fé.**

Com o reverso da Medalha, a Virgem Maria parece piscar os olhos para São Vicente, retomando uma de suas grandes máximas de fé: *“Virai a medalha e vós vereis pelas luzes da fé o rosto de Cristo nos Pobres”*. Pois, para compreender o mistério da Conceição Imaculada, deve-se *“virar a Medalha”*. Muito melhor do que um discurso, a Medalha nos faz entrar no mistério de toda pessoa humana, pois nunca devemos esquecer que o essencial permanece invisível aos olhos. Para compreender profundamente o mistério de cada um, é importante aprender a ir além das aparências para reconhecer o rosto do próprio Cristo. Ao virar a Medalha, Maria não estaria nos convidando a escutar de uma nova maneira a questão da evangelização, que não é somente uma questão de transmissão da fé, mas também um aprofundamento do nosso próprio olhar para descobrir *“as sementes do verbo”* que já estão presentes e que nos transmitem uma palavra de Deus?

CONCLUSÃO

Cada uma de nós é dotada de sensibilidades especiais e é evidente que umas serão mais receptivas a um ou outro símbolo. Cabe a cada uma de nós buscar a melhor forma de viver esta mensagem que a Virgem Maria nos dirige hoje, convictas de que Maria sempre prepara o caminho de tudo o que o Senhor nos pede para fazer. Sabemos o quanto é muito difícil, atualmente, permanecer fiel ao Senhor, com todas as dispersões, obrigações, tensões e tentações. Por isso precisamos voltar com regularidade para junto da Mãe do céu que, nos ajuda a abrir o coração para que Jesus venha assumir o primeiro lugar. Graças à Virgem Maria, quando Jesus é realmente o centro de nossa vida, não podemos guardar este amor, precisamos transmiti-lo, anunciá-lo e testemunhá-lo.

Não nos esqueçamos da nossa Irmã mais velha: Santa **Catarina**. Através de sua vida, podemos contemplar em filigrana o mistério de Maria de Nazaré, sobre o qual praticamente ninguém fala, com exceção de sua profunda atitude de humilde Serva do Senhor, buscando fazer tudo por Ele e a ver tudo Nele. Santa Catarina não teve outras preocupações senão o de transmitir fielmente a mensagem da Imaculada. Ela se ocultou inteiramente diante dele, conservando o silêncio total para permanecer inteiramente a serviço dos pobres, para permanecer *“uma entre as outras”*. Ela recusou toda e qualquer manifestação de aplauso, o mínimo cumprimento que poderia colocá-la em destaque. Bastar-lhe-ia apenas deixar escapar uma pequena palavra, uma pequena frase para que, rapidamente, seu nome fosse sinônimo de prestígio, de fama e, mesmo de santidade. Se é fácil exibir-se, deve-se fazer muito esforço para se ocultar. Catarina nos ensina que sem humildade e sem simplicidade não pode existir a verdadeira audácia da caridade: *“Fui apenas um instrumento, não foi para mim que a Santíssima Virgem apareceu, se ela me escolheu, é para que não se possa duvidar dela”*.

Irmã Anne PRÉVOST
Filha da Caridade

ATUALIDADES DA COMPANHIA

SOLENIIDADE DE SANTA LUÍSA DE MARILLAC

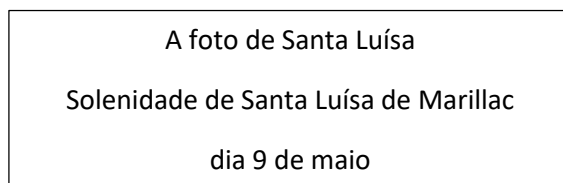
Carta de 3 de fevereiro de 2016

Queridas Irmãs,

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre conosco!

Há algum tempo, a Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos pediu à Congregação da Missão para rever o calendário litúrgico vicentino a fim de ajustá-lo às novas normas. O Procurador Geral, o Padre Shijo Kanjirathamkunnel, CM, apresentou a lista dos Santos e Bem-aventurados celebrados pela Congregação da Missão e pela Companhia das Filhas da Caridade. Foi-nos pedido para reconsiderar a data da festa de Santa Luísa de Marillac, celebrada no dia 15 de março, portanto durante a Quaresma, pois é preferível não celebrar solenidades durante este tempo litúrgico particular.

Com o Padre Gregory, Superior Geral e seu Conselho, eu mesma e o Conselho Geral da Companhia, procuramos uma data mais apropriada. Determinamos o dia 9 de maio, aniversário da beatificação de Santa Luísa porque a data de sua canonização coincide também com o tempo da Quaresma.



No dia 14 de dezembro de 2015, o Padre Shijo apresentou o pedido de mudança à Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos que o aprovou por decreto no dia 4 de janeiro de 2016.

A celebração da festa de Santa Luísa de Marillac permanece uma solenidade e, de hoje em diante, será comemorada todos os anos, no dia 9 de maio.

Como todas sabem, durante as Assembleias de 2009 e de 2015, foram apresentadas proposições solicitando que se começasse os procedimentos necessários para que a festa de Santa Luísa seja inserida no calendário universal da Igreja. Este requerimento já foi dirigido à Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, mas até o presente permanece sem resposta. Esperamos que esta mudança de data possa influenciar de maneira positiva a resposta a este pedido.

Minhas queridas Irmãs, o Senhor nos convida a ousar transtornar nossos hábitos... Teremos a alegria de celebrar a festa da nossa Fundadora numa data que marca uma etapa no reconhecimento oficial de sua santidade. Que ela nos acompanhe em nosso próprio caminho de santidade!

Com afeição e minhas orações,

Irmã Kathleen APPLER
Filha da Caridade

A CARTA MAGNA DAS FILHAS DA CARIDADE

Introdução da Rubrica “A Carta Magna”

“Quando se coloca a mão na bacia de água, quando se atiza o fogo com o sopro de bambu, quando se alinham colunas intermináveis de algarismos no escritório de contabilidade, quando estamos bronzeados pelo sol, enterrados na lama do campo de arroz, quando se está em pé diante do forno de fundição, se não realizamos então, exatamente a mesma vida religiosa como se estivéssemos num mosteiro em oração, o mundo jamais será salvo”. Esta intuição proclamada por Gandhi pode nos levar a pensar que ele conhecia São Vicente de Paulo. Não o sabemos, muito embora este pensamento coincida admiravelmente com a Carta Magna das Filhas da Caridade.

São Vicente propôs às primeiras Irmãs um ideal de vida consagrada, não fora do mundo, mas no mundo. Em colaboração com Santa Luísa, foram necessários vários anos para determinar o sentido de sua consagração: *“doam-se inteiramente e em Comunidade ao serviço de Cristo nos pobres”.*

Sabendo que, para garantir o serviço dos pobres doentes a domicílio, as jovens estavam “mais expostas”, São Vicente empregou a linguagem e as dimensões espirituais do estado religioso e as aplicou “espiritualmente” ao estado das Filhas da Caridade. Logo, cada palavra da Carta Magna é importante, mas para compreender todo o significado, torna-se indispensável ressituar o conjunto no contexto da Igreja do século XVII.

A introdução do Documento Interassembleias expressa claramente: “Na Conferência de 24 de agosto de 1659, onde se encontra o conteúdo da Carta Magna, São Vicente insiste sobre a radicalidade da vocação das Filhas da Caridade: *“Considerarão que como os seus ofícios as obrigam a estar a maior parte do tempo fora de casa e no meio do mundo e mesmo com frequência sós, têm por isso necessidade de maior perfeição que as Irmãs dos hospitais ou outros lugares semelhantes, donde raras vezes saem”.* As palavras mudam, as expressões evoluem mas, ainda hoje, somos chamadas a viver o Evangelho de uma maneira radical, no mundo, a exemplo de São Vicente e de Santa Luísa”.

O objetivo desta nova rubrica “a Carta Magna das Filhas da Caridade” é ajudar-nos a reencontrar a força extraordinária deste texto, de contemplar a sua concreta contribuição para hoje e nos apropriar das grandes orientações.

Na primeira parte, a exemplo do que fez durante o Retiro Internacional em Paris, em outubro de 2015, o Padre Delsinne, CM, partilhará algumas reflexões sobre o que São Vicente disse a este respeito e sobre o que concretamente isto significa hoje.

Na segunda parte, as Filhas da Caridade da Província de Fortaleza, do nordeste do Brasil, partilharão a caminhada de uma Comunidade desde 1968 até os dias atuais. Uma série de artigos que seguirão nos permitirão descobrir sua reflexão com a Província, a maneira como a Carta Magna as influenciou no processo de inserção e de integração em âmbito nacional e eclesial. Este testemunho, talvez, desperte novas reflexões.

Consagradas para “estar mais expostas” Consagradas “para chegar a todos”...

“Nisto imitais Nosso Senhor”, (Conf. de 24/08/1659, pág. 878).

“MOSTEIRO”

“Considerarão que não se encontram numa religião, pois este estado não é conveniente aos trabalhos de sua vocação. Contudo, como estão mais expostas às ocasiões de pecado que as religiosas obrigadas à clausura, não tendo: por mosteiro senão as casas dos doentes e aquela onde reside a superiora” (C. 12).

O QUE DIZ SÃO VICENTE

“Nunca ouvistes falar do procedimento dos marítimos que navegam em pleno mar por vezes a mais de 500 léguas, sem ver terra alguma? Os marinheiros estão em segurança enquanto seguem as regras da sua direção; se deixam de fazer a manobra assim que o piloto avisa, ou se deixam as velas contra o vento, o navio estará certamente perdido. Acontece o mesmo com as Comunidades, e particularmente com a vossa, minhas filhas. **Como um navio num mar tempestuoso, assim estais expostas a muitos e diferentes combates!** A vossa vocação é a vossa direção e as vossas regras são a vossa segurança”. (Conf. de 22 de janeiro de 1645, Sobre a observância do regulamento, pág. 143).

“Que felicidade se esta pequena Companhia puder obter de Deus que cesse esse **flagelo da guerra e da peste**, que é tão grandel, que chegam a morrer por dia cerca de duzentas e trinta a duzentas e quarenta pessoas! Oh! Que felicidade se alcançardes de Nosso Senhor a graça de as pessoas atingidas por esta doença serem salvas e as que o não estão serem delas preservadas! **Que grande motivo para pedir a Deus por esta intenção, porque várias pessoas estão expostas ao perigo, de modo que, se Deus não as preserva, não podem evitar esse mal.** Temos dois dos nossos em Gênova, dois em Roma e dois em Varsóvia que também estão expostos ao perigo. Recomendo-os às vossas orações. Quanto aos dois da Polônia, tiveram-na, mas curaram-se, graças a Deus”. (Conf. de 14 de dezembro de 1656, sobre o Jubileu, págs. 615-616).

“Aprendeí, minhas Filhas, a não confiar nas vossas próprias forças e saber, mas colocai toda a vossa confiança em Deus. Se há alguém no mundo que tenha necessidade de confiança na Providência, sois vós, minhas Irmãs, por causa dos ofícios de que estais encarregadas. **As que estão encerradas no convento estão longe do rebuliço do mundo e como que livres das suas tentações. Mas vós, quase não há momento, nem lugar, em que não estejais expostas à tentação.** Por isso, tendes muita necessidade de confiança em Deus” (Conf. de 9 de junho de 1658, sobre a confiança na Providência, pág. 782).

“Mas, senhor, poderemos esperar que uma pobre camponesa chegue a tanta perfeição? Será isso possível? - Sim, minhas Irmãs, podeis tanto como as outras religiosas. - Como, poderá uma pobre Irmã aspirar à perfeição das donzelas nobres que vivem como religiosas, naturalmente propensas ao bem, à honestidade e delicadeza cristãs, as quais são escolhidas com tanto cuidado, para que tenham todos os dotes físicos e espirituais exigidos? Poderá ela igualar-se a jovens de condição tão elevada? Eu, que só entendo as coisas do campo, posso aspirar a esta perfeição? E dizeis, Senhor, que devo aspirar a tanto, e quereis que pratique todas as virtudes? - Sim, minha filha, tende esperança de que chegareis a isso. Ah! minhas caras Irmãs, se soubésseis o que é a confiança em Deus e o que pode uma alma que nela se estabeleceu! Vereis como não vos faltarão as tentações da carne e do demônio, para vos arrastar ao desânimo. Mas o quê, Senhor, terei que me levantar todos os dias às quatro, ir fazer oração, estar sempre

disposta a ir e vir a serviço os pobres sem descanso, e toda a vida assim! Se ainda só fosse em Paris, mas ter de ir para o campo, e expor-me a todos os perigos dos caminhos, não é vida para uma jovem. Não terei forças para aguentar até o fim. - Ah! Minhas queridas Irmãs! Quando tiverdes estes pensamentos que são do demônio, dizei: 'Tens razão, espírito mau, tens razão, carne corrompida, para me fazeres duvidar das minhas forças; por mim mesma, nada poderei e, se olho somente para mim, não farei nada que valha.. Mas, espero que Deus me há de ajudar como um pai a seu filho; sim confio na Sua Bondade, espero que vele por mim e que será a minha fortaleza'" (Conferência de 14 de julho de 1658, sobre a humildade, a caridade, a obediência e a paciência, pág. 793-794).

*"1º Consideração que como os seus ofícios as obrigam a estar a maior parte do **tempo fora de casa e no meio do mundo e mesmo com frequência sós**, têm por isso necessidade de maior perfeição que as Irmãs dos hospitais ou de outros lugares semelhantes, donde raras vezes saem.... (Conf. de 24 de agosto de 1659, pág. 875 - Regras das Irmãs das Paróquias artigo I e II).*

ALGUMAS REFLEXÕES PARA HOJE

"O motivo pelo qual estão mais expostas..."

O seu "mosteiro" é o mundo, as casas dos doentes, as ruas e os caminhos. Portanto, as Filhas da Caridade estão mais "expostas" que as religiosas enclausuradas que de uma certa maneira, estão protegidas em seus mosteiros.

As Filhas da Caridade são como marinheiros, em alto mar, "*sem ver nenhum vestígio de terra*", isto é, sem voltar para a Comunidade, sem voltar para o porto antes do anoitecer. Através da sua vocação e o seu serviço, são enviadas para águas mais profundas, durante todo o dia. O mundo, como o mar, é um meio hostil, mutável e imprevisível. O mar é um local que mais mata por ano, mais do que as estradas: pensemos nos pescadores, nos migrantes, nos marinheiros de guerra, nos marinheiros e trabalhadores da marinha mercante e a todos os "desaparecidos" no mar.

Como Jesus que "saiu" do Pai, a Filha da Caridade sai de sua casa para ir evangelizar "*por palavras e atos*", para viver uma Caridade de proximidade. E, é isto o "*mais perfeito*" acrescentou São Vicente de Paulo¹. O fato em si de "sair" de sua zona de conforto é um ato de evangelização. Eu sei que quando a Filha da Caridade sai, ela não arrasta os pés, nem perde tempo no caminho. "*A caridade de Cristo Crucificado nos impele*". Tal é a divisa da Companhia. Quando a praticam, estão honrando esta divisa. Tive muitas ocasiões de comprovar isto na França, na Irlanda, em Israel, na Áustria e no Brasil. Sim, há urgências em toda parte. Sim, há vidas em jogo, há vidas que devem ser salvas, cuidadas, acompanhadas e, esta divisa as Filhas da Caridade souberam transmiti-la perfeitamente ao jovem Frederico Ozanam e aos seus companheiros estudantes, através da Irmã Rosalie Rendu, ambos bem-aventurados. As Filhas da Caridade sabem encarnar esta divisa, vivê-la e transmiti-la.

O mundo parece estar mergulhado numa grande tempestade. Há muitos ventos contrários e a Igreja, uma pequena e frágil embarcação é constantemente maltratada. Toda comunidade cristã, toda comunidade de vida apostólica é "*como um navio num mar tempestuoso*". A embarcação - se tivéssemos que escolher, teria que ser um barco salva-vidas; deve ser de madeira resistente e sólida, não muito grande e facilmente manobrável. Tanto o comandante como a tripulação devem estar bem formados, devem estar prontos para todos os tipos de encontros: mar agitado, calmo, neblina, grandes tempestades, ondas com mais de dez metros de altura, furação, etc. A ingenuidade não está autorizada a "subir a bordo", pois não poderá enfrentar as águas profundas.

"o flagelo da guerra e da peste..."

No século XVII as guerras foram sucessivas na Europa entre os reinos francês, inglês, espanhol e germânico. Sim, podemos ler concordando com São Vicente, a guerra é um verdadeiro “flagelo”. Ela fabrica viúvas e órfãos, destrói colheitas, esvazia cidades inteiras e envia milhares de refugiados para as estradas e portas das grandes cidades. Quando a guerra começa, acredita-se sempre que ela não vai durar muito tempo. São Vicente fez tudo o que pôde para ajudar as populações atingidas por este flagelo, quer sejam os refugiados ou aqueles que ficaram na Picardia e na Lorena. São Vicente intercedeu junto a Richelieu e depois junto a Mazarino para pedir a paz. Hoje, saudamos entre outros, os esforços dos membros da Comunidade Santo Egídio que continuam esta missão de estabelecer a paz.

A este flagelo podemos acrescentar um segundo, também mortífero, que é a peste negra, bubônica, transmitida pelas pulgas, piolhos e carrapatos, ou outra mais agressiva, a peste pulmonar, transmitida por via oral. Nós podemos parar a guerra, mas não podemos parar a peste. Não há remédio eficaz para erradicar a epidemia. Pesquisadores estimaram três milhões de mortes ocasionadas pela peste, na França durante o século XVII, com mais de 800 cidades atingidas e com uma estimativa máxima de dois milhões de mortos entre 1617 e 1642 e mais de centenas de milhares entre 1663 e 1670. A virulência do mal foi então diminuindo.

Continuava-se a chamar de “doença popular” pois se sabia que começava sempre nos bairros pobres e insalubres, próximo dos açougues, peixarias e artesãos de tecido e couro. Diante do alucinante espetáculo de uma cidade que se tornou um gueto, onde todas as casas e comércios estavam fechadas, onde a única atividade consistia nas idas e vindas das carroças com os cadáveres, funcionários da saúde vestidos como fantasmas, além do espetáculo das fossas cheias de corpos, todos estavam tomados por um medo paralisante, ainda que a primeira reação, quando ainda era possível, era obedecer ao velho ditado: “*cito, longe, tarde*” ou seja, “*saía rápido, para longe, só volte mais tarde*”.

Muitos religiosos se dedicaram aos cuidados materiais e espirituais dos pestíferos, muitos morreram enquanto outros permaneceram trancados em seus conventos longe da contaminação. Para a Organização Mundial da Saúde (OMS) esta doença permanece epidêmica em muitos países da África, da América e da Ásia. Em 1999, 14 países notificaram 2.603 casos dentre os quais 212 mortais. Mas, as complicações da gripe, da malária e da cólera permanecem as três primeiras causas de mortalidade no mundo.

“Expostas à tentação...”

O próprio Jesus foi exposto à tentação, mas saiu vitorioso. Todos nós podemos ser tentados. Tentados pelo desânimo a desistir, tentados pelo cansaço, pelo desgaste ou esgotamento, pelo sentimento de solidão. Somos tentados a querer mudar tudo, o mundo, os homens, através dos nossos próprios meios. Tentados a resolver tudo sozinho. Tentados pelo poder, pela facilidade das coisas. Contrariamente, tentados também pela preocupação, pela desconfiança.

Como as Filhas da Caridade estão “*a maior parte do tempo fora de casa e no meio do mundo e mesmo com frequência sós*”, São Vicente recomenda alimentar a confiança. Ele a apresenta como algo indispensável, como uma necessidade, uma virtude a adquirir: “*aprende, minhas Filhas, a colocar toda a vossa confiança na Providência*”. Aprender a confiar para “*distanciar-se dos rebuliços do mundo*”.

Distanciar-se dos rebuliços do mundo, não significa cultivar a indiferença, não significa esquecer os outros ou não ter preocupações. Significa não levar em consideração a mundanidade, não se preocupar com a imagem da nossa notoriedade ou com “o que falarão a nosso respeito?”. O mundo, este mundo do desempenho, do “show” permanente, não deixa de nos atormentar e questionar nossa escolha de ir em direção aos mais pobres, aos mais distantes de tudo, aos mais esquecidos.

QUESTÕES:

- Quando e em qual situação estive “mais exposta”? Como consegui sair dela viva?
- Qual foi a minha maior tentação? Como, a exemplo de Jesus, consegui sair vitoriosa da tentação?

Padre Jérôme DESLSINE, cm

Nota:

¹ Conf. de 6 de janeiro de 1658, *Sobre o fim da Congregação*, SV XII, 87-89: “Mas, com qual propósito, me dirá alguém, incumbir-se de um hospital? Ali estão os pobres do Nome de Jesus que nos fazem redirecionar; não deveríamos celebrar a missa para eles, instruí-los, administrar-lhes os sacramentos e tudo o mais para a manutenção de sua vida? Por que ir às fronteiras distribuir esmolas, colocar-se diante de muitos perigos e nos desviarmos das nossas funções? Pois bem, senhores, podemos criticar estas boas obras sem sermos impiedosos? Que os padres se dediquem ao cuidado dos pobres; não foi este o ofício de Nosso Senhor e de muitos grandes santos, que não somente recomendaram o cuidado dos pobres, mas, também os consolaram, confortaram e curaram? Os pobres não são os membros sofredores de Nosso Senhor? Eles não são os nossos irmãos? E, se os padres os abandonarem, quem os assistirão? De maneira que, se houver alguém entre nós que pense estar na Missão para evangelizar os pobres e não para aliviá-los, para remediar suas necessidades espirituais e não as temporais, respondo-lhe que devemos assisti-los e fazê-los assistir de todas as maneiras, por nós e por outrem, se quisermos ouvir estas consoladoras palavras do soberano Juiz dos vivos e dos mortos: ‘Vinde, benditos de meu Pai; possuí o reino que foi preparado para vós, porque tive fome e me destes de comer; estava nu e me vestistes; doente, e me socorrestes’. **Fazer isto, é evangelizar por palavras e obras e isto é o mais perfeito; é praticar o que fez Nosso Senhor. E o que devem fazer aqueles que o representam na terra de ofício e de caráter, como os padres, e ouvi dizer que, o que ajudava os bispos a se tornarem santos, era a esmola**”.

A CARTA MAGNA VIVIDA

Província de Fortaleza

Nordeste do Brasil

Uma Companhia em movimento
de 1968 aos dias atuais

“A caridade de Jesus crucificado nos impele”

Introdução

Durante as Assembleias domésticas para preparar a Assembleia Geral de 1968, fomos estimuladas a redescobrir nossa identidade de Filhas da Caridade, a identificar na época, quais eram os verdadeiramente pobres, assim como os lugares onde eles viviam e ver como poderíamos nos aproximar deles e nos colocar a seu serviço. Muitas questões foram suscitadas, incertezas surgiram, especialmente em ousar olhar as novas realidades para as quais talvez o Senhor estivesse nos chamando a viver.

Um pouco de história

No contexto dos anos 60 e com o Concílio, a Igreja viveu um tempo de questionamento e renovação. O decreto *Perfectae Caritatis* pedia às comunidades religiosas que vivessem uma renovação espiritual profunda, para aprofundar ainda mais o carisma específico, o espírito dos Fundadores, abrir-se à vida da Igreja e adaptar-se aos novos chamados. Mère Guillemin, que foi auditora no Concílio, destacou a importância deste “aggiornamento” e soube dar à Companhia o impulso necessário para iniciar este caminho de revitalização.

Durante a Assembleia geral de 1968, a Companhia começou uma grande revisão de vida, esforçou-se para reafirmar sua identidade no mundo e na Igreja. Um destaque especial foi dado aos

pobres, aos mais desfavorecidos, aos “abandonados”, aos “sem voz”. Decisões foram tomadas para encorajar as Irmãs a realizarem ações concretas fortalecendo sua vocação de servas dos pobres.

Em agosto de 1968, no contexto da segunda Conferência Episcopal da América Latina, os Bispos se reuniram em Medellín para estudar os meios de aplicação das recomendações do Concílio Vaticano II. O Conselho episcopal latino-americano redefiniu seu compromisso ao lado dos pobres como “os mais necessitados”. Esta convicção foi confirmada dez anos mais tarde pela Terceira Conferência episcopal de Puebla em janeiro de 1979 que insistirá particularmente na dignidade dos pobres e na “opção preferencial pelos pobres”.

A região nordeste do Brasil, particularmente a periferia de Fortaleza nos permitia encontrar estes pobres tão abandonados. A ditadura militar do Brasil que se iniciou em 1964, após a queda da Segunda República, conduziu a uma situação de grande pobreza em razão de um total abandono da vida social e econômica da região. Este foi um verdadeiro desafio para nós, Filhas da Caridade, por isso dirigimos ao Conselho Provincial um pedido para deixar o grande Colégio “Imaculada Conceição” de Fortaleza para viver com os mais pobres e mais abandonados nas favelas da periferia de Fortaleza.

Após quase dois anos de inquietações, questionamentos, estudos, reflexão e oração, a Visitadora e seu Conselho, impulsionados pela força do Espírito Santo e inspirados pelos escritos dos Fundadores, reconheceram este chamado de servir os mais pobres, como um “sinal dos tempos”. No final do ano de 1969 o Conselho provincial aceitou nosso pedido.

Foi necessário pesquisar para saber como poderíamos assumir este desafio, sobretudo, era preciso conhecer melhor esta nova realidade em que desejávamos entrar e que era muito complexa. Então partimos para o estudo, fomos conhecer bem a realidade do povo e identificar suas necessidades e o seu sofrimento.

A realidade de Fortaleza

Fortaleza é a capital do Estado do Ceará, um dos Estados mais pobres do nordeste do Brasil, e mesmo do Brasil. Os períodos de seca, os problemas de terra, a falta de escolas e empregos provocam o deslocamento de um grande contingente de populações vindas das zonas rurais para os bairros pobres da periferia. Estes antigos lavradores esperavam encontrar um emprego na capital, porém, a maioria deles não tinha nenhuma qualificação profissional. A capital não possuía infraestrutura adequada para acolhê-los. Eles construíram de maneira desorganizada os alojamentos precários em terreno baldio. Nos anos 70, contava-se mais de 400 favelas, nas quais milhares de habitantes viviam numa extrema pobreza, sem acesso aos serviços de base ou de infraestrutura. A consequência disto era: uma taxa elevada de desemprego, de subempregos, uma grande mortalidade infantil, analfabetismo, delinquência, prostituição de menores, violência e drogas.

Durante estas últimas décadas, a degradação do mundo político corrompido e a aplicação de diferentes planos econômicos agravaram ainda mais a situação e produziram novos males:

Na cidade:

- A proliferação dos meninos e meninas de rua;
- A organização de gangues;
- O turismo sexual;
- O tráfico de drogas e de bebês;
- A generalização da corrupção e do crime organizado;
- O recrudescimento da repressão policial;
- O extermínio de menores e de mulheres.

No campo:

- Aumenta o êxodo rural, a dispersão e o empobrecimento. Com a construção das barragens surge um novo processo de escravidão, de corrupção do agricultor através dos Planos de Emergência;
- Acentua-se a exploração dos atravessadores, a manipulação política, os planos de esterilização em massa das mulheres.

Para sobreviver na periferia, o recurso é a economia paralela (verdureiros, pipoqueiros, biscateiros, artesanatos, etc.). Alguns trabalham como profissionais autônomos. Poucos encontram emprego nas fábricas. Quando conseguem são explorados pelo baixo salário, horas extras e expostos a acidentes de trabalho.

As mulheres, muitas sem marido, assumem a família: trabalham como operárias nas fábricas (castanha, confecção) também como lavadeiras, faxineiras, costureiras ou vendedoras ambulantes dos produtos feitos por elas mesmas (cafezinho, chá, tapioca, cocada etc). Os filhos menores são obrigados a ajudar no orçamento familiar como pequenos vendedores ambulantes, quando não ficam jogados na rua, sem escola e em bandos numa iniciação espontânea da marginalidade.

O abandono e o descaso das autoridades governamentais eram progressivamente sentidos, sobretudo, no período de calamidades (seca ou inundações). Quando a seca se prolonga, os reservatórios de água ficam secos, as plantações e uma grande parte dos animais morrem. Nenhuma assistência financeira, técnica e agrônoma é oferecida. Num determinado momento as subvenções foram confiadas aos grandes proprietários de terra, reforçando assim o poder da “indústria da seca” e aumentando a corrupção e a exploração.

Finalmente, em junho de 1970 três Irmãs deixaram o Colégio da Imaculada Conceição de Fortaleza para morar na Favela Cidade Aflita, bairro Verdes Mares. A favela recebeu esse nome por causa dos constantes conflitos e brigas entre seus habitantes. Dentro deste contexto, ouvindo o apelo gritante da realidade e ancoradas na audácia que a graça nos concedeu, lançamo-nos no escuro, apenas com uma certeza: o inesperado seria o companheiro de cada dia. Nada poderia se tornar definitivo, nem a organização dos nossos dias, nem o planejamento do futuro. Confiantes na Divina Providência, guardamos em nosso coração as palavras do Padre Étienne dirigida às doze primeiras Filhas da Caridade francesas que partiram para o Brasil: *“Parti, minhas Irmãs, parti com alegria, levando numa mão o archote da FÉ e na outra a chama da caridade: Parti, São Vicente vela sobre vós, Maria vos conduzirá ao porto, não tendes nada a temer...”* (Anais da Congregação da Missão e da Companhia das Filhas da Caridade, vol 14, 1849, pág. 121).

Chegando à favela tivemos que procurar um local para morar. Com os restos de construção da reforma do Colégio “Imaculada Conceição”, construimos uma pequena casa de taipa com quatro cômodos: uma sala, a cozinha, um quarto e um banheiro. Sem energia elétrica contávamos apenas com um lampião de gás que, colocado estrategicamente, iluminava ao mesmo tempo a sala e a cozinha que também servia de refeitório.

Assim chegamos! O medo do desconhecido era evidente, no entanto, muito maior era a alegria de ir ao encontro dos nossos “Mestres e Senhores”. (Continua)

Irmã Ana Maria REUL
Filha da Caridade
Comunidade Êxodo